

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA
CAMPUS SÃO BORJA
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS**

**Comunicação, política e imagem pública:
Marielle Franco nas capas dos jornais Extra e O Globo**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

LAÍSA PIZZUTTI BEULCK

**Comunicação, política e imagem pública:
Marielle Franco nas capas dos jornais Extra e O Globo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharela em Relações Públicas.

Orientadora Profa. Dra. Carmen Regina Abreu Gonçalves

São Borja/Rio Grande do Sul

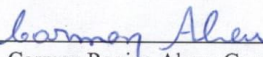
2018

LAÍSA PIZZUTTI BEULCK

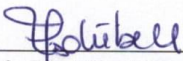
**Comunicação, política e imagem pública:
Marielle Franco nas capas dos jornais Extra e O Globo**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Relações Públicas
da Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Bacharela em Relações Públicas.

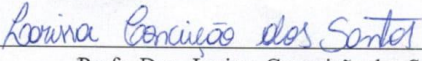
Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em Relações Públicas: 26/11/18
Banca examinadora: 26 de novembro de 2018



Profª. Dra. Carmen Regina Abreu Gonçalves
Orientadora
UNIPAMPA



Profª. Dra. Elisa Lübeck
UNIPAMPA



Profª. Dra. Larissa Conceição dos Santos
UNIPAMPA

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Jarlei Pizzutti, a maior incentivadora dos meus sonhos, a mulher mais incrível e guerreira que eu conheço. Obrigada, pelos ensinamentos, por ser essa mulher batalhadora e não deixar faltar nada a mim e minhas irmãs, não medindo esforços para que chegasse a essa etapa da minha vida. Se hoje estou terminando a graduação, quase RP, é pelo teu suor e luta diária para nos manter. Te amo!

Agradeço minhas irmãs (Laura e Luísa), e meus avós (Eloir e Fermínio) pelo apoio e amor incondicional. Saber que tenho vocês ao meu lado me torna mais forte e é o meu maior incentivo. Obrigada, amo muito vocês!

Agradeço minhas amigas, (Camilla, Marcia e Gabi Tonin) que mesmo longe sempre estão presentes em minha vida e que de certa forma me ajudaram a ter energias para terminar a graduação. Vocês são incríveis!

Agradeço ao Walkir, que torna meu dia mais feliz mesmo que distante, me estimulando nos momentos difíceis apesar de muitas vezes ter me sentindo cansada e desmotivada para terminar a monografia, acreditando sempre no meu potencial. Obrigada pela tua paciência e capacidade de trazer paz na correria dos dias. Te amo.

Agradeço à **família 402** que foi crescendo ao longo da faculdade e que vou levar todos no meu coração. Obrigada pelas festas e os momentos inesquecíveis que passamos no apartamento, vocês são muito especiais pra mim.

Agradeço as gurias (Andreza, Vitória e Carmen) que desde o início da faculdade fizemos um laço de amizade que jamais será esquecido. Ao longo desses anos nós crescemos juntas, sempre incentivando uma à outra a ser melhor e ir em busca dos nossos sonhos. Juntas, nos tornamos mais fortes, obrigada pelos ensinamentos diários. Amo muito vocês.

Agradeço à Renata e ao Luan, que fizeram minha estadia em São Borja muito mais feliz. Obrigada pelas conversas, desabafos e os momentos de felicidades que compartilhamos juntos. Vocês me incentivaram, todos os dias, de maneira diferente, a terminar a graduação, isso foi muito importante pra mim. Adorei ter encontrado com vocês e compartilhar o 402. Vocês estarão sempre comigo e podem ter certeza que vou visitar cada um. Obrigada, amo muito vocês!

Agradeço à minha orientadora, Carmen Abreu, pela paciência e compreensão nas orientações e elaboração da pesquisa, muito obrigada por compartilhar comigo teus ensinamentos e experiências.

“Que o direito ao estudo é fundamental para qualquer pessoa e também para as mulheres. E que só esse direito pode nos livrar do sistema de violência física e simbólica que pesa sobre quem é marcado como mulher”.

Marcia Tiburi

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar a imagem pública da vereadora, do Rio de Janeiro, Marielle Franco, tendo como foco as capas dos jornais Extra e O Globo. Buscando-se, também, analisar de que maneira a vereadora foi representada nas capas, compreendendo quem era e qual sua luta enquanto representante política. Como metodologias foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e a Análise de Conteúdo. Através da análise, verificou-se que a imagem pública de Marielle Franco, está limitada a sua morte no dia 14 de março de 2018. Os veículos de comunicação analisados não evidenciaram sua representatividade política enquanto mulher negra, defensora dos direitos humanos, feminista e militante.

Palavras chaves: Comunicação e política; imagem pública; Marielle Franco.

ABSTRACT

This work aims to identify the public image of the city councilor, from Rio de Janeiro, Marielle Franco, focusing on the covers of the Extra and O Globo newspapers. It is also intended to analyze how the councilor was represented on the covers, understanding who she was and what was her struggle as a political representative. As methodologies, bibliographic research and Content Analysis were used. Through the analysis, it was verified that the public image of Marielle Franco, is limited to her death on March 14, 2018. The media analyzed did not show her political representativeness as a black woman, defender of human rights, feminist and militant.

Keywords: Communication and politics; public image; Marielle Franco.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Perfil Vereadores que Queremos - Marielle Franco - PSOL	35
Figura 2 - Pronunciamento Marielle Franco Plenário da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro	35
Figura 3 - O Globo - testemunha envolve vereador e miliciano no assassinato de Marielle Franco	38
Figura 4 - Tuíte do deputado federal Alberto Fraga - Twitter	40
Figura 5 - Publicação no Facebook da desembargadora Marília Castro Neves.	41
Figura 6 - Ato distribui mil placas com nome de Marielle no Rio de Janeiro	43
Figura 7- Manifestação após o assassinato de Marielle na Avenida Paulista	44
Figura 8 - Marcelo Freixo carregando caixão de Marielle Franco no Rio de Janeiro	45
Figura 9 - Manifestação na frente da Câmara de Vereadores Rio de Janeiro.	45
Figura 10 - Talíria Petrone na rede social <i>Twitter</i>	46
Figura 11 - Perfil leitores Jornal Extra	49
Figura 12 - Perfil leitores Jornal O Globo	50
Figura 13 - CAPA JORNAL EXTRA (15/03)	54
Figura 14 - CAPA JORNAL O GLOBO (15/03)	55
Figura 15 - CAPA JORNAL EXTRA (16/03)	56
Figura 16 - CAPA JORNAL O GLOBO (16/03)	57
Figura 17 - CAPA JORNAL EXTRA (17/03)	58
Figura 18 - CAPA JORNAL O GLOBO (17/03)	59
Figura 19 - CAPA JORNAL EXTRA (18/03)	60
Figura 20 - CAPA JORNAL O GLOBO (18/03)	61
Figura 21 - CAPA JORNAL EXTRA (19/03)	62
Figura 22 - CAPA JORNAL O GLOBO (19/03)	63
Figura 23 - CAPA JORNAL EXTRA (20/03)	64
Figura 24 - CAPA JORNAL O GLOBO (20/03)	65
Figura 25 - CAPA JORNAL EXTRA (21/03)	66
Figura 26 - CAPA JORNAL O GLOBO (21/03)	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 COMUNICAÇÃO E POLÍTICA: CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA	12
2.1 Comunicação e Política	12
2.1.1 Imagem Pública	15
2.1.2 Opinião pública	20
2.2 Representatividade	23
2.2.1 Gênero e Direitos Humanos	25
2.2.2 As mulheres e a política	29
2.3 Marielle Franco	34
2.3.1 Assassinato de Marielle Franco	39
2.3.2 A tentativa de desconstruir a imagem de Marielle	42
2.3.3 Marielle Franco, Presente!	45
2.4 Critérios de noticiabilidade e os jornais Extra e O Globo	51
3 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	55
3.1 Procedimentos da análise	57
4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS	58
4.1 Dia 15 de março de 2018 (Quinta-Feira)	59
4.2 Dia 16 de março de 2018 (Sexta-Feira)	61
4.3 Dia 17 de março de 2018 (Sábado)	64
4.4 Dia 18 de março de 2018 (Domingo)	66
4.5 Dia 19 de março de 2018 (Segunda-Feira)	68
4.6 Dia 20 de março de 2018 (Terça-Feira)	70
4.7 Dia 21 de março de 2018 (Quarta-Feira)	73
4.8 Considerações sobre as capas dos jornais	75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76

1 INTRODUÇÃO

A mídia está presente em diversos momentos do nosso dia a dia, Charaudeau (2006, p. 252), diz que a mídia relata fatos e acontecimentos no mundo, fazendo circular estas informações, gerando debate na sociedade. Precisamos reconhecer que ela também desempenha o papel de informação e democratização no momento que exerce sua função. A partir dessa compreensão, onde os veículos de comunicação são fontes de informação, esperamos que tais meios sejam imparciais e busquem a neutralidade. Na política, essas informações têm o caráter de descrever quais são esses fatos e identificá-los; reportar o que aconteceu e explicar fornecendo dados e causas, porém quando falamos do contexto político do Brasil, conseguimos notar que esses meios na grande maioria dos casos, levam em consideração seus interesses particulares, ou seja, interesses econômicos, mercadológicos e as vinculações políticas da empresa.

Entendendo esse contexto e o papel desses meios de comunicação, o objetivo desse projeto é compreender a imagem pública através da mídia, tendo como base a figura política e sua representação. Segundo Weber (2004, p. 260), “imagem pública é construída no espelho, entre o olhar e a informação. Construída entre certezas e dúvidas do espectador, em relação à informação e a seu autor.” Sendo assim, a imagem pública é um processo de construção e desconstrução da verdade, onde esses veículos de comunicação têm o poder de abordar tais notícias da maneira que melhor lhe favorecer. Nos discursos políticos, a imagem pública tem caráter de representação, e é através dela que a sociedade cria empatia e se identifica com a figura política.

Marielle, eleita pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), com mais de 46 mil votos, no Rio de Janeiro, foi assassinada junto com seu motorista Anderson Silva quando saíam da Casa das Pretas, na Lapa, Rio de Janeiro, no dia 14 de março de 2018. A mídia, ainda de maneira tímida, noticiou a morte de Marielle colocando em dúvida seu assassinato e a caracterizando como mais uma vítima de violência no Rio de Janeiro. O assassinato de Marielle Franco, com quatro tiros na cabeça, mulher, negra, homossexual, que lutava pelos direitos humanos; Lésbicas, Gay, Bissexuais, Transsexuais e Transgêneros (LGBT's); movimento negro e contra a intervenção militar, num lugar de fala onde podemos observar que é predominado por homens representa atentado à democracia. Diversas manifestações surgem desse acontecimento fora do interesse desses meios de comunicação, várias pautas são criadas para o debate e conseguimos notar que

Marielle está presente em todos que ainda acreditam nas suas lutas como mulher e figura política.

A partir desse contexto, o problema de pesquisa deste trabalho é identificar a imagem pública de Marielle Franco construída pelos jornais Extra e O Globo, nos sete dias (15/03, 16/03, 17/03, 18/03, 19/03, 20/03 e 21/03). Com o objetivo de discutir as relações entre comunicação e política, compreendendo os conceitos de imagem pública e opinião pública, percebendo a importância de descrever brevemente os critérios de noticiabilidade do Jornalismo já que iremos trabalhar com a análise dos jornais, discutindo a participação da mulher na política e descrevendo quem era Marielle e quais as bandeiras que defendia, para assim identificar qual sua imagem nestes veículos midiáticos.

A motivação pelo tema surge pelos seguintes aspectos: afinidade pelo assunto abordado; relevância acadêmica, conceitos abordados e empatia pela luta de Marielle Franco como vereadora do Rio de Janeiro. De acordo com a pesquisa do ranking de representatividade feminina na política, divulgado pela União Parlamentar Internacional (UPI)¹, com base em dados de janeiro de 2018, o Brasil aparece na posição 152º. A pesquisa levou em consideração os lugares ocupados na Câmara dos Deputados e Senado. Sabemos que a maioria dos candidatos eleitos e representantes são homens, esse é um dos fatores que instiga a realização da pesquisa, fazer uma reflexão do cenário político no Brasil e da representatividade feminina em cargos políticos.

A pesquisa aborda um contexto atual, discutindo e refletindo questões que tratam da conjuntura política do país, entendendo que Marielle, mulher negra, criada na favela da Maré chegou em lugares de fala que até então não tinham representantes que lutassem pelos movimentos que ela defendeu e representou, é necessário refletir sobre o assunto e debater como o assassinato da vereadora mais votada do Rio teve repercussão na mídia, mais especificamente qual foi a imagem pública construída através das capas dos jornais. Dessa forma, a pesquisa também se torna relevante do modo acadêmico, pois não encontramos nenhum trabalho de conclusão de curso com tal tema, sendo o primeiro projeto a analisar Marielle Franco através das capas dos jornais O Globo e Extra e ao definir tais objetivos, como refletir a presença da mulher na política, pois assim conseguimos perceber que se faz necessário a reflexão do assunto e a importância da pesquisa.

¹ Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/brasil-tem-menos-mulheres-na-politica-que-o-afeganistao/> Acesso: 01 de novembro de 2018.

Para a elaboração da pesquisa, num primeiro momento de busca, não encontramos nenhum projeto com o mesmo tema, mas foi possível encontrar monografias nas quais tratam da mesma análise. Contribuindo na construção da minha pesquisa, o estado da arte ajudou para que através de outros trabalhos eu encontrasse dicas e conceitos para serem trabalhados. Uma dessas monografias na qual tive inspiração, foi sobre a deputada Manuela D'Ávila, um estudo de caso sobre trajetória da deputada estadual com foco na discussão das particularidades que o gênero feminino encontra em ambientes políticos, ou seja, foi de grande ajuda para a realização do referencial teórico desta monografia, assim como a metodologia. Através da pesquisa acadêmica, encontramos artigos que também tratam de assuntos como a representatividade feminina em lugares predominado do sexo masculino e sobre a disputa de gênero no jornalismo, entendendo que pautar sobre o curso é importante, pois falamos de critérios de noticiabilidade e a análise de conteúdo surge através dos jornais Extra e O Globo.

A monografia está dividida de maneira que iremos abordar os seguintes temas, comunicação e política, na qual falamos também sobre a imagem pública e opinião pública. Representatividade, dividido em gênero e direitos humanos e as mulheres na política para entendermos a importância da presença do sexo feminino nesse contexto, defendendo a democracia e o direito da igualdade de gênero, e Marielle Franco no qual iremos relatar a vida da vereadora falando sobre sua vida política e de que maneira ocorreu sua morte, falando também sobre as notícias falsas que surgiram após o assassinato e tentativa de desconstruir a imagem da vereadora. Após falarmos sobre esses temas, partiremos para a análise que será dividida através dos dias selecionados, descrevendo duas capas por tópico.

2 COMUNICAÇÃO E POLÍTICA: CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA

2.1 Comunicação e Política

Antes dos meios de comunicação de massa se fazerem presentes na sociedade e tornarem-se necessários para a visibilidade e divulgação das notícias, as trocas de informações eram feitas através do meio tradicional por grupos ou indivíduos. A partir do desenvolvimento econômico e tecnológico, a mídia ocupa esse espaço como fundamental e principal para a revolução da comunicação com a sociedade, “eis que um fenômeno geral (informar alguém de alguma coisa), parece transformar-se no domínio reservado de um setor particular, as mídias” (CHARAUDEAU, 2006, p. 34). A partir dessa evolução tecnológica e econômica, compreendemos a relação de poder entre esses meios midiáticos e a política, ou seja, os interesses particulares de cada empresa ou sujeito decidem que notícia é relevante para serem divulgadas, gerando benefícios mútuos para ambas as partes. O papel da mídia, frequentemente entendida,

[...] como “fonte de informação” e seu papel é definido como o de informar os cidadãos. Para bem servir a democracia, segundo este enfoque tradicional, a mídia deve transmitir informações de forma objetiva e imparcial para a audiência. A partir deste ponto de vista, a crítica do papel político da mídia se restringe geralmente a ressaltar a falta de objetividade ou a imparcialidade das mensagens. Implícita, neste paradigma, está a visão de que, ao tratar de temas políticos, a mídia deve impedir que valores e ideologias, interfiram no relato de “fatos” ou evitar que os meios de comunicação favoreçam um grupo, partido ou candidato (a noção da imparcialidade). (PORTO, 2004, p. 75)

Porto (2004), deixa claro que a mídia tende a desempenhar papel político e ideológico não somente quando ocupa o poder de fala, e “omite” informações, mas principalmente quando reproduz um discurso no qual tem interesses particulares através de uma fonte limitada. Neste contexto, conseguimos compreender como esses meios de comunicação de massa utilizam das mídias e transformam a política num discurso próprio das empresas e indivíduos, esses discursos por sua vez visam caracterizar o que o sujeito quer transmitir ser importante e não em uma notícia que produz debate e reflexão na sociedade.

Entendemos que a área política “permite que se constituam espaços de discussão, de persuasão e de sedução nos quais se elaboram o pensamento e a ação política”. (CHARAUDEAU, 2011, p. 39), ou seja, o discurso político pode ser realizado em qualquer anúncio desde que a situação permita, entendendo o espaço midiático como

ambiente necessário para desenvolver suas tarefas e criar visibilidade. Charaudeau (2011), ainda acrescenta que não é o discurso que é político e sim a comunicação e a situação, que o lugar transforma a fala em um discurso no qual busca identificação e apoio no enunciado.

Mediante esse contexto, percebemos que no tempo contemporâneo e através da comunicação de massa, o discurso se adapta ao ambiente e espaço de fala, conforme Neto (2004, p. 114) cita, “é certo o que o discurso político dispõe de várias possibilidades através das quais seu anúncio pode se fazer. Desde aquelas de configuração mais comunitárias até aqueles dispositivos mais avançados”, levando em consideração as alterações que o discurso político sofre de acordo com o dispositivo que anuncia a informação. O autor cita a televisão como grande espaço midiático que estrutura os discursos, por ser o veículo de comunicação mais utilizado e com mais credibilidade nos dias atuais, em que a TV utiliza não somente de um dispositivo mas sim molda-se a outros de acordo com o público que quer atingir e a informação política que quer disseminar, essa característica pode ser definida através de outros meios como o Jornal, veículo midiático que serviu de análise para esta pesquisa.

Para Miguel (2004, p. 380), “na medida em que os meios de comunicação de massa alteram a forma do discurso político, eles possuem um impacto significativo sobre a produção do imaginário e dos mitos”, deixando a interpretação para o sujeito que absorve a notícia, porém num contexto político onde esses meios têm o poder de fala e responsabilidade com a consolidação dessas informações e que esses indivíduos muitas vezes têm acesso somente a esses meios, entendemos que esse processo é feito através de interesses e capitais particulares. O espaço político é visto como necessário, o candidato que não tem a visibilidade nesses dispositivos e que se encontra fora desse ambiente situa-se como insignificante seja para a audiência ou público de interesse. Através dessas mudanças tecnológicas e sociais, a comunicação e a política têm aspectos importantes na relação de mídia com cidadania, pois modifica a importância e a ideologia do povo sobre a mesma, esses vínculos foram crescendo de acordo com o desenvolvimento que alteram e sofrem mudanças ao longo do tempo.

Essa responsabilidade midiática, é requisitada em qualquer situação, mas principalmente na seleção desses fatos políticos, Nunes (2004, p.367), diz,

[...] A prática política contemporânea deve ser pensada, obrigatoriamente, “incorporando” a comunicação como momento indispensável de sua realização. Não deve ser encarada como mera divulgação do “fato” político, entendido

como totalidade pronta e acabada, onde e quando a prática política já se realizou, em sua inteireza e plenitude. (NUNES, 2004, p. 367)

A autora deixa claro que no atual cenário as práticas políticas devem ser pensadas em novas dimensões sociais e compreender a mídia como grande influenciadora na política, onde essas imagens e estratégias transmitidas esvaziam os discursos e matérias das campanhas, deixando em relevância a publicização através do conteúdo político. Logo, compreendemos que a função do jornalista perante essas informações é de transmitir essas notícias coletando dados e fontes seguras para que a mesma tenha confiabilidade diante o público.

A mídia e as eleições estão conectadas há muito tempo. As primeiras manifestações foram através de meios impressos, como os jornais partidários que construíram e ajudaram inúmeros candidatos no Brasil em busca da candidatura. Rubim (2002, p.19) reflete sobre a tarefa e relação da mídia com a imprensa.

Ou seja, a comunicação sempre foi percebida e usada como mero instrumento do campo político. Nesta perspectiva, tanto os jornais que proliferaram em torno da Revolução Francesa e de suas lideranças, quanto os pasquins políticos do século XIX no Brasil, por exemplo, atuavam como meros amplificadores das opiniões e idéias políticas e não como meios submetidos a alguma lógica oriunda da comunicação, a não ser aquela elementar que garantia a comunicabilidade. A rigor, tais publicações caracterizam-se, antes de tudo, como extensões da (dinâmica) política e somente nessa operação (instrumentalizada) podem ser analiticamente elucidadas.

A partir desse momento, a propaganda eleitoral e a mídia são transformadas por outros meios de comunicação, como o rádio e televisão. Sendo entendimentos como novos espaços de disputa a ser ocupado pela política (RUBIM, 200, p. 99), as pesquisas eleitorais, na qual monitoram cidadãos e quem serão os candidatos que os mesmos irão votar, são assumidas por esses meios de comunicação, reforçando a ideia do voto útil, esse instrumento é utilizado para tornar o candidato visível e com maior intenção de votos, pois muitas vezes tal pesquisa serve para reforçar a ideia de vitória ou derrota em relação a determinada candidatura. Esse processo é construído através da dificuldade em que o eleitor se encontra para participar de tais debates e acompanhar os candidatos, função essa que é determinada para a mídia devida à dificuldade de acesso a essas informações.

Amaral (2000, p.152) ressalta que o novo papel dos meios de comunicação de massa com a política, é de reportar, narrar o fato acontecido, informar os sujeitos do acontecido e não tornar o fato real em uma versão distorcida e com interesses particulares. Compreendemos que a prática política não deve ser entendida como a divulgação do mero

“fato” político, em que a mídia expõe sua opinião e não gera a reflexão necessária com a informação obtida.

Analisando os efeitos da mídia diante a opinião pública e de que maneira esse influencia os cidadãos neste espaço, Charaudeau (2011, p. 280), diz que é difícil tomar a televisão como modelo, pois existem outros meios de comunicação massivos e que estes abordam e têm públicos diferentes, logo suas estratégias serão distintas.

É por intermédio do contexto de comunicação e política, entendendo suas definições e consequência com o indivíduo político, que construção da imagem pública e a opinião pública desses sujeitos são criadas, o que vamos compreender ao longo da monografia.

2.1.1 Imagem Pública

A imagem pública é fundamental para o entendimento do ser político, é através desta que surge o reconhecimento, seja de instituições ou pessoas. “É o fator axial de funcionamento da comunicação contemporânea, entre organizações, indivíduos e sociedades” (WEBER, 2004, p. 261), ou seja, o meio criado para a busca da visibilidade política do sujeito. A mídia desencadeia a repercussão pública que atinge grupos sociais ou indivíduos que trocam essas informações gerando a opinião pública sobre certa figura, nessa configuração conseguimos identificar a importância da notícia imparcial e legítima na qual analisa os dois lados da história, em que o espectador pode avaliar e interpretar a informação.

Este processo é identificado como a construção ou desconstrução da verdade, realidade e a legitimidade da mídia na divulgação da informação. Buscando a visibilidade midiática, opiniões que os candidatos representam e a identificação desses sujeitos com o partido, debate que gera a opinião pública e a (des)construção da imagem pública. O resultado dessa etapa, é a imagem desejada pelo candidato e a imagem percebida pelo sujeito (espectador). “A imagem pública dos sujeitos políticos vai sendo formada, individual e simultaneamente, a partir da combinação das representações visuais mentais”. (WEBER, 2004, p. 261). Notamos que a importância da imagem pública não é aparente, essas informações para a construção do mesmo são elaboradas estrategicamente precisando do espaço privado para exercer sua função. (As “informações de interesse público”, denominadas informação, propaganda, atitudes, precisam da “participação da mídia”, sendo elas relações econômicas, políticas e privadas) para repercutir. “A

repercussão pública é desencadeada pelas mídias, adversários, grupos sociais, indivíduos, através da veiculação de suas opiniões e imagens sobre a ação do sujeito político.” (WEBER, 2004, p. 262). É no processo de repercussão que os espectadores são os elementos principais, adquirindo força e importância, tencionando as relações de poder, estes podem criticar, opinar ou avaliar o conteúdo vinculado pela mídia. Weber (2004, p. 265) ainda afirma que a imagem é “o estatuto orientador da contemporaneidade demarcado pelos excessos e fragmentos de informações, indicadora de poder e demarcadora do modo publicitário de olhar o mundo.” Ou seja, ela é constituída, também, no campo visual, sonoro, sensitivo, identificações visuais, cultura e ideologia de cada indivíduo.

Por meio da mídia, os veículos de comunicação possuem diversas formas de divulgar essas informações e conseqüentemente criar a imagem pública da figura política, ampliando a visibilidade e os espaços do indivíduo na sociedade, o que podemos citar como estratégias para que este indivíduo possa gerar votos, opiniões positivas, apoios e relações com a grande mídia. A política de imagem, de acordo com Gomes (1999), é um “fenômeno que transforma a arena política numa competição pela produção de imagens dos atores políticos, pelo controle do modo de sua circulação na esfera pública, pelo seu gerenciamento nos *media* e pela sua conversão em imagem pública.” No qual o autor alinha três aspectos que cita como principais no conceito de imagem pública:

a) o fato de que designam elementos de um repertório, de uma espécie de enciclopédia social ou cultural; b) o fato de que esse repertório designado seja de posse e competência comum, seja compartilhado pelos sócios do grupo, o que, justamente, confere-lhe o caráter público; c) o fato de que tais elementos sejam de caráter nacional, cognitivo, isto é, de que se constituam substancialmente de concepções, que podem comportar também predisposições afetivas.

Nessa constituição de imagens, são necessárias marcas visuais acumuladas ou conceituais para que o sujeito possa elaborar a opinião de acordo com o conteúdo que acessa. Com a produção dessas imagens que interpretamos e analisamos o cenário político transforma-se no acúmulo de identidades visuais, marcas e discursos. Ao analisar a imagem pública de um sujeito político, compreendemos também que este está ligado ao seu carisma,

[...] As relações entre poderes políticos, econômicos e midiáticos, assim como a celebração da aparência, reduziram o carisma à capacidade de convencimento. Esta capacidade pode ser “fabricada” com todo o aparato tecnológico e lingüístico disponível para os exercícios da política. Por outro lado, a intervenção da mídia será determinante na configuração deste “carisma”. (WEBER, 2004, p. 270)

O carisma surge como um conceito em que a mídia tem papel importante na formulação, através dela que vamos ter a imagem pública deste sujeito político, decorrente primeiro da recepção individual de cada indivíduo perante essas informações e logo depois no coletivo, onde esses grupos e pessoas trocam essas informações para chegar num ponto de debate. Esses discursos acabam obedecendo essas configurações das estratégias midiáticas para disputar a atenção do espectador, percebemos que cada vez mais a mídia tem papel fundamental para essa construção e que os respectivos interesses e lucros políticos estão enraizados nessas decisões, o que determina qual figura vai ser “carismática” ou não.

Weber (2004, p. 273), define ainda, a imagem pública como sendo um resultado decorrente do coletivo e individual, daquilo que podemos chamar de experiência particular, ou seja, são as informações que cada sujeito possui ou adquire durante sua vivência. Essas informações podem ser trocadas com outros sujeitos e através da mídia sofrem processos de combinações de imagens e símbolos culturais e políticos.

A proposta de constituição de imagem chega a cada indivíduo como fragmento, cuja assimilação depende de um processo de adição contínua de fatos e valores que se tornarão o todo, quando confirmados por grupos sociais, quando derem noção de pertencimento do indivíduo à proposta, quando aguçarem os sentidos. (WEBER, 2004, 273)

A imagem pública pode ter diferentes segmentos, negativa ou positiva, não necessariamente precisa conhecer a figura política para formar a imagem sobre o sujeito, toda a figura que disputa espaços públicos está vulnerável a julgamentos, expectativas e opiniões. A relação entre política, mídia, sociedade e indivíduos, têm como o objetivo incorporar a imagem pública favorável para os seus respectivos interesses e lucros particulares políticos. Weber (2004, p.276), cita roteiro estratégico sobre como a imagem pública é constituída nessas situações, sendo formulada de:

- **Identidade:** imagem favorável, trata-se da primeira parte do processo, na qual o sujeito político é avaliado por profissionais de comunicação, identificando seu diferencial dos demais, seja no âmbito profissional, cultural ou ideologias na qual apoia, suas qualidades. “Não se constrói uma identidade: é possível, sim fortalecer ou obscurecer determinados aspectos”.
- **Objetivos e públicos:** público de interesse, eleitores. Para obter uma imagem pública favorável, a figura política precisa junto a seus públicos, diferenciar seu

partido dos demais, criar relação estratégias para capturar e identificar quem são as pessoas que poderão apoiar o mesmo.

- **Produção de estratégias:** gerar ações de estratégias para possíveis crises, ou seja, provocações que podem comprometer e ferir a imagem construída, seja por sujeito ou instituições.
- **Circulação pública:** circulação pública de informações, na qual os políticos são “colocados no jogo estratégico da visibilidade, com seus produtos institucionais” visíveis ou não. Mesmo com o controle de notícias, o poder da mídia têm se mostrado muito eficaz em tornar visível e ocultar notícias na qual não são interessantes, no ponto de vista desses veículos midiáticos.
- **Midiatização:** circulação de informações “Sistema Global de Comunicações”², sistema que tem o maior audiência de público, no qual os investimentos financeiros agem através de interesses econômicos e políticos. “No Brasil, a relação entre mídias e políticas cria redes de interesse político-familiar que, por si só, determinam a constituição de imagens públicas, com consequências previsíveis para os interesses econômicos e imprevisíveis para a sociedade” (WEBER, 2004, p.280). Podemos falar, também, de uma rede na qual potencializa essas ações, todas vinculadas a tecnologia, pois esta pode ser utilizada para editar informações, determinando qual fato ou sujeito deve ser ocultado através das redes.

Através da midiatização surgem as estratégias da mídia, para a divulgação das informações, incluindo a ideia da seriedade, neutralidade jornalística, hierarquização de imagens e informações.

- **Mediações:** São as instâncias de formação da imagem não atravessada, pela mídia. Essa é dirigida e comandando por grupos e indivíduos através do espaço público. O sujeito é o centro da mediação de conceitos políticos, econômicos, culturais e midiáticas.
- **“Atração, interesse e repercussão”:** Processo de recepção da informação para a construção da imagem pública através da opinião pública. “O lado da recepção é o lado de formação da imagem”, é a etapa onde o sujeito se identifica e cria afeição pela figura política ou o que ela representa.

²Disponível em: <http://www.fndc.org.br/noticias/donos-da-midia-uma-ferramenta-poderosa-para-democratizar-a-comunicacao-290030/> Acesso em: 01 de novembro de 2018.

- **“Técnicas de aferição da imagem”**: qualificação das pesquisas, índices que determinam e ajudam na legitimidade da imagem pública que o sujeito quer atingir. Pesquisas que induzem ao voto, que seria a ação final do processo.

Outras características sobre a formação da imagem pública estão de acordo com a velocidade destas notícias e a densidade na qual a mesma é abordada, isso depende de quanto tempo à informação ficará veiculada nesses meios de comunicação e de que maneira a mesma ganhará relevância. Essa divulgação não conta com estética adequada e sim das estratégias que serão utilizadas para a inserção da mesma nas mídias, na qual muitas vezes já são impostas diária e maciçamente pelos meios de comunicação. Weber (2004, p. 296), “trabalhar com a imagem pública significa entender que a sua construção se dá na mesma proporção de sua desconstrução: se os sinais emitidos por sujeitos, instituições políticas e mídias em disputa de poder, com as implicações indispensáveis a este processo”. A busca pela imagem pública cobiçada, sintetiza o movimento político de maneira contemporânea e compreendendo que a política está ligada com qualidades como credibilidade e conquista de poder, na qual é possível produzir opiniões e gerar reflexão através dela.

2.1.2 Opinião pública

A opinião pública surge através da ciência social e política reconfigurando os cenários políticos ao longo da história, esta teve seu primeiro ensaio no fim do século XVIII e a partir do século XX onde Walter Lippmann, em 1922 disse: “aceitando que a Opinião Pública é o principal motor das democracias, seria razoável esperar encontrar uma literatura vasta” (LIPPMANN, 1960, p. 253). Após o início da pesquisa sobre opinião pública e a falta de um consenso com o seu significado, foram encontradas cerca de 60 definições para o termo, entendemos que hoje opinião pública está relacionada com a soma de opiniões sobre determinado assunto ou conteúdo, mas que o termo pode ainda significar e expressar concepções diferentes e diversas.

Sobretudo, a opinião pública constitui-se uma ferramenta importante para os políticos através de percepções sociais e para os cidadãos que mantêm relação ativa onde são os sujeitos principais. Do ponto de vista político,

[...] a opinião pública é apresentada como a voz do povo, servindo de ponte para dois mundos que cada vez mais são percebidos como distantes – o dos governantes e dos governados – e, nessa medida, constitui, não só uma forma de legitimação da ação política da qual deriva o seu poder do consentimento dos

governados, como um sentido de poder dos governados. (SILVEIRINHA, 2004, p. 411)

É através da opinião pública que os indivíduos constroem ligações com os governantes, formando legitimidade de poder. No ponto de vista social, o termo remete o relacionamento com outros sujeitos, ou seja, ‘o que os outros pensam’ sobre determinado assunto ou conteúdo usufruído gera rede de debate e compartilhamento de interesses que vão além do que pensamos dessa maneira a opinião pública age em indivíduos, grupos ou instituições políticas para que esses interajam uns com os outros de forma pública promovendo espaços destinados para a representação. Consequentemente tal ato significou mudanças no campo político, entendendo que anteriormente a formulação da opinião pública era de grupos restritos e seletivos, e que a pressão da sociedade desenvolveu tal espaço a partir do reconhecimento dos direitos civis, surgindo partidos políticos, associações e manifestações de rua, transformações essas que são constantes no nosso cenário político.

Para além de informar, é preciso que esses sujeitos participem e opinem sobre o conteúdo acessado, tornando público essas informações para que os demais possam adquirir o mesmo. Com isso, a mídia têm o desafio de passar a credibilidade para o público, esta utiliza de duas vertentes: *descrição - narração*, reportando os fatos do mundo e *explicação*, para esclarecer ao destinatário o surgimento desses fatos. Para a mídia o meio mais eficaz para a divulgação desses fatos, é a imagem, ou a construção dela perante cada sujeito (que dizem, por intermédio de alguém, o visto, o ouvido e o vivido). Esses meios de grande massa, podem ser distinguidas em três grandes suportes: rádio, televisão e mídia impressa (escrita), ambos formam a comunicação midiática, onde o conteúdo (fato que aconteceu) passa pela ‘transformação’ necessária para virar notícia.

Através dessa comunicação, que o espaço público é gerado e por consequência a construção da opinião pública. O espaço público é transformado de acordo com evolução das mídias, principalmente da televisão onde cada vez mais o conteúdo é investido em âmbito privado, ou seja, favorece a própria imprensa e seus interesses particulares;

[...] não podemos concordar com aqueles que deixam transparecer que as mídias modernas se apoderam do espaço público para transformá-lo. As mídias são apenas uma forma de publicização. Sua ação é participar do que constitui, desconstitui, transforma o espaço público, no quadro do contrato de informação midiático. O que acontece, na realidade, é que em certos momentos da história a publicização do espaço público toma uma forma particular; já o foram, cada uma à sua maneira, a Igreja, a monarquia, a festa e o bufão na Idade Média, hoje são as mídias, particularmente a televisão. (CHARAUDEAU, 2006, p. 120)

A televisão por ser um dos grandes meios de comunicação, atingir um público muito maior que outras mídias é vista como o veículo midiático que mais transforma a opinião pública justamente por ser acessível para diversas pessoas, diferente de outros como jornal e rádio. Mediante essa relação, constrói-se a opinião pública, que nada mais é que o resultado da atividade de reunir elementos sobre determinada informação e concluir por intermédio de crenças ou experiências do próprio indivíduo. “Por outro lado, a opinião pública não deve ser confundida com o conhecimento. Este é independente do sujeito que sabe; a opinião, ao contrário, revela o ponto de vista do sujeito a respeito de um saber” (CHARAUDEAU, 2006, p.122).

Para definir a opinião pública do ponto de vista da mídia, Charaudeau (2011, p.123) destaca que é uma tarefa difícil, “ela quase sempre é tratada como uma entidade mais ou menos homogênea, quando resulta de um entrecruzamento entre conhecimentos e crenças de um lado, opiniões e apreciações de outro”, isso ocorre quando a mídia em grandes casos divulgados pela imprensa utiliza de dois graus de hipóteses, sendo eles sobre “possíveis opiniões e argumentos que circulam numa sociedade a respeito desses temas, ora sobre os imaginários relativos a apreciações e crenças”, que são relativos de “sentimentos de generosidade, de justiça e de honestidade”.

Segundo Amaral (2000, p. 150), a construção das candidaturas tem início através das pesquisas de opinião, que sendo manipuladas ou não induzem a escolha de determinado partido ou candidato. Assim, a opinião pública seria construída com a manipulação que a mídia exerce sob a pesquisa eleitoral.

Distinguindo o rumo que a opinião pública através do *status* na esfera pública, Silveirinha (2004, p. 436), reflete,

[...] “No desenvolvimento destes factores, e à medida que aumentou o número dos agentes que lutavam por defini-la e agir sobre ela, a “opinião pública” escapou progressivamente ao controle exclusivo dos cidadãos para passar a ser um *locus* de disputa, cuja institucionalização são os próprios *media* que têm de reportá-la, representar e definir perante os cidadãos que não se conhecem e que não agem face-a-face [...] (SILVEIRINHA, 2004, p. 436)

Compreendendo a amplitude do termo, destaca-se a necessidade de pensar através das ações principais desses atores no espaço público, sendo eles políticos formais, informais e *media*, lembrando também dos cidadãos em geral que são os próprios sujeitos da opinião pública. Esta, foi sofrendo diversas alterações, chegando aos dias atuais, onde é um valor puramente empírico e de validade questionável (BOURDIEU, 1984), mas de grande importância para os sujeitos do espaço público.

Podemos afirmar que a opinião pública segmenta os movimentos destes atores sociais interessados na legitimação de suas posições dentro do campo que atuam. Governos que buscam identificar rumores e opiniões sobre suas políticas públicas, serviços e imagem do governante. Esses aspectos repercutem negativamente e positivamente, positivo nos ganhos estratégicos desse sujeito e negativamente através da imagem construída com a opinião pública, onde o ambiente supostamente não é favorável para o candidato.

A opinião pública, pode ser também constituída de dois tipos (CHARAUDEAU, 2011, p. 253), essencialização que é devido a esse mecanismo que a opinião pública é disseminada, através de discussões passíveis e grupos de interesse, ele também é alimentado com os comentários da mídia; e a fragmentação, que decorre de opiniões coletivas que geram conflito e debate. Charaudeau, cita, também, que a opinião pública pode variar em diversas, ou seja, mais de uma opinião, acreditando que mais de uma estaria certa, esse processo explicaria o voto dos “indecisos” e “sem opinião” que são divulgados nas pesquisas eleitorais. O “voto de protesto” também se explica através da opinião pública, pois muitos eleitores deslocam para discursos extremistas e fortemente atrativos. Ela é, também, o processo de comunicação que reflete na comunicação coletiva, onde a mídia está envolvida nos processos dessa formação de identidade e formalização da opinião pública.

2.2 Representatividade

A grande maioria de debates sobre as mulheres ocuparem o espaço público-político da mesma maneira que os homens, surge do princípio de representatividade. A pouquíssima participação do sexo feminino nesse contexto viola o princípio da democracia representativa, as mulheres constroem um grupo que é afetado pelas decisões políticas, as mesmas devem participar e intervir nesses processos já que seus interesses são decididos através destes.

O termo representação pode significar, em três dimensões:

a) ‘imagem’ ou ideia que se faz de algo ou de alguém; b) encenação teatral; c) transferência feita por alguém a um terceiro, do direito de falar e agir em seu nome, de ‘representar’ em algum lugar ou compromisso, em termos jurídicos, políticos ou sociais (CARVALHO, 2004, p.517).

A representação na política, é trabalhada através da comunicação midiática para a imagem do sujeito que ao inserir-se nesses meios (TV, rádio, imprensa, internet, etc), pode

sofrer transformações em seu discurso, o que podemos afirmar é que a mídia multiplica esses lugares de fala sobre a política, abrindo espaço para outros indivíduos participarem do debate. Ela, tem o objetivo de produzir o “efeito espelho”, para Carvalho (2004,p. 536), seria “oferecer aos que nele se olham o “reflexo” de seus próprios desejos, de sua própria imagem”, ou seja identificar-se com a fala do figura política o que gera respostas como “simpatizei com ele” ou “porque não gostei dele”, a identificação com o sujeito pode se fazer de diversas formas, através de acesso a essas informações midiática ou dos discursos políticos que são apresentados pelos mesmos.

Os políticos têm a necessidade de três aspectos para gerar a identificação com o público, estes são elaborados através do discurso político dessa figura: visibilidade (acesso a imagem pública); imagem (seduzir o público), legitimidade (devem ser compreendidos). Charaudeau (2001, p.287) cita ainda, que o político deve fazer papel triplo: ator, personagem e de pessoa. Ator, pois mostra sua imagem; personagem porque desempenha seu papel político e cumpri suas funções determinadas e como pessoa, pois assim mostra que é como qualquer outra pessoa, que tem sentimentos e ideologias próprias. Por meio do discurso político, na qual o sujeito deve se mostrar persuasivo, competente e desempenhando relações de representação, o mesmo fala por vários indivíduos que se identificam com sua fala, (CHARAUDEAU, 2011, p.80) “fala para todos como portador de valores transcendentais”, valores que podem ser ideológicos, culturais ou religiosos.

Em uma democracia representativa, os cidadãos elegem o candidato que mais sentem afinidade e que deverão compor o conjunto de instituições, Poder Legislativo e Poder Executivo, que irão gerir os espaços públicos.

Representatividade no seu sentido cru e literal, significa tudo aquilo que lhe é representativo, que lhe causa auto identificação e similaridade de imediato. Nos movimentos sociais, a representatividade ganhou um viés de associação de poder, de necessidade de “se enxergar” em cargos de alto escalão social, seja político, seja midiático, trazendo para os grupos de minoria (mulheres, negras(os), LGBTs) uma representação social. (DAVIS, 2016)

No texto “Representatividade importa?”³ escrito por Gleide Davis, ela cita o sentido ‘cru’ da palavra representatividade, refletindo a maneira que acontece na prática da política brasileira. Esses movimentos sociais precisam ser vistos através do viés político, pois com eles que o direito ao voto, cotas, oportunidade no mercado de trabalho e entre outras lutas do movimento negro, LGBT e mulheres que os mesmos foram conquistados. A mídia por

³ Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2016/09/12/representatividade-importa/> Acesso em: 26 de outubro de 2018.

sua vez, muitas vezes apropria-se da fala desses movimentos e fazem com que esses temas sociais tornam-se produtos para lucrar com os meios de comunicação massivos.

Compreendendo o papel da mídia diante a representação política e de que maneira que cada indivíduo identifica-se diante o candidato ou partido, de acordo com sua experiência, cultura e ideologia, partimos para refletir sobre os grupos militantes que dentro do espaço público político, surge para apoiar e dar voz para as lutas dessa minoria. Para Charaudeau (2011, p.272), o militante seria o “cartão de visita” do partido, é aquele grupo que sai à rua, vai à manifestações, participa de grandes protestos, assume identidade discursiva e integra diversos movimentos sociais pelo qual acredita. A reflexão que fizemos, surge em como esses grupos eram vistos e como eles são elaborados atualmente, os movimentos sociais eram criados e assumidos pelos próprios partidos ou sindicatos que entendiam que a massa dos militantes com fim tático tinha o objetivo de organizar e promover outras manifestações nas ruas, pensando estrategicamente para visibilidade da figura política ou partido em questão. Agora, os grupos militantes são construídos de forma espontânea ao saber de situações de crises, não necessariamente estando ligados a partidos ou políticos, mas sim à grupos que se identificam ou se sintam oprimidos com decisões políticas.

Estas manifestações eram comuns em cidades e ruas, com a transformação dos meios de comunicação e as novas formas midiáticas, esses movimentos sociais sentem a necessidade de migrar de plataforma. Através da internet o público atingido é maior e pode estar localizado em qualquer parte do mundo, é o que vimos em diversas manifestações quando ocorre em lugares distintos, porém com o mesmo viés de luta.

2.2.1 Gênero e Direitos Humanos

Questões de gênero e a defesa de direitos humanos são temas ainda em construção, quando pautamos o contexto político atual. A violência contra homossexuais e mulheres, é um desafio a ser vencido pela sociedade que almeja um país mais justo e igualitário, essa desigualdade é proposta e luta dos direitos humanos desde sua formação no século XVIII. Os principais documentos sobre os Direitos Humanos - *Declaração dos Direitos da Virginia* em 1776, elaborado por Thomas Jefferson nos Estados Unidos, após a independência da Inglaterra, servindo de inspiração para o documento após a Revolução Francesa - *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* em 1789. O terceiro *Direitos Humanos* decretado pela ONU, efeito da Segunda Guerra Mundial, em 1948 segue os

mesmos princípios dos anteriores. Ambos silenciaram os direitos das mulheres, que sempre foram vistas como esposas ou filhas de homens.

O conceito de que todos poderiam ter os mesmos direitos provocou a ideia de igualdade, em que a produção de alimentos, fabricação de objetos que necessitavam e a educação em escolas seriam possibilidades para todas as pessoas, conseqüentemente tendo uma vida melhor. Ao longo dos anos, os direitos foram mudando e a partir do século XVIII, em especial, várias pessoas poderiam comprar sua liberdade e serem autônomos. Somente as mulheres não tinham nenhum dessas opções, elas ainda eram vistas como dependentes de pais e maridos. Abolindo as diferenças, algumas ainda permaneceram, entre elas a desigualdade de gênero entre homens e mulheres, onde o sexo feminino era visto para tarefas domésticas e o masculino como superior, tomando a frente das decisões da casa. As justificativas para que a desigualdade de gênero se mantivesse, era o questionamento de “Se votarem não terão uma influência desastrosa sobre os homens?” “Quem irá cuidar das tarefas domésticas?”.

Podemos definir gênero,

[...] nos afasta de abordagens que tendem a focalizar apenas papéis e funções de mulheres e homens para aproximar-nos de abordagens muito mais amplas, que nos levam a considerar que as próprias instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e masculino ao mesmo tempo que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou resignificação (SCOTT, 1995; LOURO, 1997; MEYER, 2000, apud MEYER, 2003, p. 16)

Ou seja, é entendido como “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 14). Compreendendo então que as relações de gênero entre feminino e masculino ajudam a refletir sobre os modos convencionais sociais e de que maneiras são produzidas na sociedade.

Quando pensamos em desigualdade a primeira ideia que surge é sobre o gênero, construção cultural que já está pré-definida a partir de seu nascimento, tais como: roupas que vai usar, maneira de falar, comportamento, etc. São características que a sociedade impõe e dita como correta, a partir dessa construção e definição, que identificamos as diferenças em discursos e falas no espaço público. A luta pela igualdade de gênero e direitos, independente do sexo, ainda é uma pauta que busca conhecimento e espaço de representatividade em lugares que contam com a maioria do sexo masculino, pois a mulher tem o corpo marcado com o significado que a sociedade quer, dona de afazeres domésticos

e submissa as atitudes masculinas do dia a dia, atributos e valores que o termo carrega associado ao corpo feminino.

Os parâmetros que são designados como “padrão” marcadores sociais, são como gênero, sexualidade, religião, raça. Essas relações se organizam em atributos masculinos, brancos, classe média e heterossexual, ou seja, são características que excluem os demais que não se sentem parte deste estereótipo (como mulheres, gays, negros, lésbicas, pobre, mulheres, etc.) (RUBIN, 1993). Esses conceitos,

[...] põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binárias, que afirma de maneira categórica e sem equívocos o sentido de masculino e feminino. (SCOTT, 1990, p. 14)

Compreendendo então, que os conceitos entre sexo masculino e feminino são construídos através de ideologias religiosas e educativas, construção enraizada na sociedade que vê a figura feminina como sensível, frágil, associando ao privado do lar a procriação. Oposto do sexo masculino que é figura de masculinidade, virilidade, força, etc. Historicamente, em casos de crimes sexuais contra mulheres e homossexuais, a palavra da vítima sempre era colocada em dúvida buscando na conduta da mesma justificativa para os crimes que aconteciam, esses casos eram em especial quando o abuso vinha de maridos, companheiros e parentes, pois era entendido que o papel feminino tinha de ser subordinado e servir as vontades dos homens.

Os direitos humanos e as constituições estabelecem a igualdade como seu princípio fundamental e qualquer tipo de violência é um atentado a esses direitos, onde pessoas através de manifestações e lutas conseguiram o mínimo para ser respeitados e ter as mesmas condições que os homens na sociedade. O código Civil brasileiro, editado em 1917, legitimava a incapacidade das mulheres casadas de possuírem direitos político, o casamento que era visto como o único objetivo da mulher, tirava dela o direito de ser crítica com o que acontecia ao seu redor, sendo submissa ao homem e impondo ao papel feminino o único ideal do sexo. Construir uma família, ser mãe, esposa e dona de casa.

A partir de 1962, onde foi eliminada do Código Civil a incapacidade da mulher, editando o Estatuto da Mulher Casada. No Brasil, que garantiu, entre outras coisas, que a mulher não precisava mais de autorização do marido para trabalhar. Em 7 de agosto de 2006, foi criada a Lei Maria da Penha, lei nº 11.34, que teve o principal objetivo “combater a violência contra a mulher - questão de saúde pública e violadora dos direitos

humanos.” Identificamos a partir dessa transformação a inserção, ainda que pequena e com direitos renegados pela sociedade, da mulher no contexto político ainda havendo resistência da inclusão feminina no meio.

A luta pela igualdade de direitos entre os gêneros, era realizada principalmente através de manifestações na rua, assembleias e reuniões que contavam com um grande número masculino. Em 1791, Olympe de Gouges, na Revolução Francesa, escreve a Declaração dos Direitos das Mulheres, em resposta à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, demonstrando e reivindicando que a diferença de sexo não pode determinar os afazeres e justificar a exclusão do sexo feminino em espaços públicos. A Declaração, falava sobre o papel da mulher, mostrando as capacidades do gênero feminino, sendo um ato de coragem pois até então só existia direitos humanos destinados ao homens. No entanto, os homens recusaram-se a aceitar e expulsaram as mulheres do Conselho Geral. Olympe é decapitada em 1793. Após esse acontecimento, as mulheres e alguns homens sentiram a necessidade de juntar-se ao movimento, buscando os direitos que eram negados.

As mulheres não podem participar da esfera pública, da cidadania, não porque são incapazes, mas porque são por “natureza” destinadas à esfera familiar e privada, para a qual possuem “virtudes” específicas, nasceram para estas virtudes e para os cuidados domésticos. A insistência sobre uma natureza feminina familiar e doméstica e uma natureza masculina social e política, foi abundante no discurso revolucionário que instalou a igualdade e a cidadania, deixando a impressão de que a própria natureza prescreveu para cada sexo as respectivas funções. (TEDESHI, 2014, p.47)

Entre tantos argumentos que justificavam o afastamento da mulher na política, o mais utilizado era sobre a natureza feminina e o que a mesma reservava para elas. Como ressaltamos anteriormente, o sexo feminino é visto como o que cuida do lar e dos filhos, oposto do sexo masculino que era destinado para cuidar da família. Combater esses discursos é um trabalho constante, onde mesmo em um cenário atual encontramos ele presente nas falas de representantes políticos. Desconstruí-los é uma tarefa necessária, combatendo o discurso de ódio e entendendo que os direitos humanos aplicam-se a todos os gêneros.

2.2.2 As mulheres e a política

No Brasil, a primeira onda feminista teve como objetivo manifestações pelo direito ao voto que teve início em 1910, mas somente em 1927 que o abaixo assinado chegou ao

Senado pedindo direito ao voto para as mulheres. Apenas em 1932, através do Decreto nº 21.076/32, instituído no Código Eleitoral Brasileiro⁴, pelo então presidente Getúlio Vargas, que finalmente as mulheres obtiveram o direito ao voto, essa conquista só foi possível através de longa luta e reivindicações por direitos que já eram instituídos aos homens.

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (PINTO, 2010, p. 16).

A primeira grande onda do feminismo, foi no século XIX, com o movimento sufragista, que tinha como foco a luta pela extensão dos direitos políticos para as mulheres e na busca de cidadania. Através do movimento feminista que as mulheres encontraram a ideia de igualdade e perceberam que a vida dos homens estava a frente da delas, assim como a vida pública e os direitos básicos na sociedade. Entendendo a desvantagem em relação ao sexo oposto, o movimento sufragista que embora fosse conduzido por mulheres de elite que não questionavam a estrutura patriarcal da sociedade, teve importante papel de reconhecimentos dos seus direitos políticos. A partir do movimento feminista no Brasil, conseguimos entender que o desequilíbrio e a ausência dos direitos, como direito ao voto, emancipação, autonomia, etc, entre homens e mulheres é um problema social, um sintoma de exclusão que deve ser combatido. As mulheres eram vistas como ameaças para o regime militar, pois não aceitavam serem intituladas como “figuras do lar”, de afazeres domésticos. No começo do século XX, a inserção das mulheres nesse contexto começa a sofrer mudanças, as fábricas iniciam o processo de contratação de mulheres e algumas já começam a trabalhar em funções de enfermeiras, professoras e telefonistas.

Diante desse debate, Pinto (2010) reflete sobre que mulher queremos nesses cenários políticos? Qualquer mulher pode representar o movimento nesse espaço político?

Todavia, esta presença não garante que as mulheres tenham se eleito com plataformas feministas ou que sejam feministas. Mesmo assim é muito mais provável que as demandas por direitos das mulheres sejam defendidas por mulheres do que por homens, independente da posição política, ideológica e mesmo da inserção no movimento feminista. Se a metade dos 513 deputados da Câmara Federal brasileira fosse de mulheres, certamente o tema do aborto teria uma presença muito maior e haveria um debate de qualidade muito diferenciada, até porque este cenário tão hipotético revelaria um campo de forças muito distinto do que existe hoje entre homens e mulheres. (PINTO, 2010, p. 18)

⁴ Disponível em: <http://www.politize.com.br/conquista-do-direito-ao-voto-feminino/>. Acesso dia: 31 de maio de 2018.

Ou seja, o simples fato do sexo feminino estar em lugares de fala, onde até então eram minoria ou não existam, já torna-se importante por si só. Através disso, Pinto (2010, p. 19), cita três perspectivas em relação a mulher e o poder, sendo elas: a posição relativa da mulher no espaço público; qual o motivo da mulher ter presença tão pequena nesses lugares? e as mulheres empoderadas, constroem em conjunto uma ideia em geral com outras mulheres? Entretanto, não basta o espaço político ser constituído de mulheres se as mesmas não utilizarem como espaço de porta voz e representatividade de outras lutas femininas que precisam de visibilidade.

Segundo o site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)⁵, nas eleições municipais de 2016, 338.443 foram candidatos masculinos e 158.452 foram candidatas femininas, ambos respectivamente para os cargos de Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador. Em porcentagens conseguimos analisar que 68,11% são homens e 31,89% são mulheres, números que demonstram a constante desigualdade da mulher no contexto político brasileiro.

A legislação brasileira, não oferece mais do que um estímulo tênue para que mais mulheres concorram às eleições legislativas. Espera-se que, a médio prazo, esse estímulo se reverta numa ampliação expressiva do número de mulheres presentes nos espaços de tomada de decisão. Porém, isso ainda não significa que a igualdade política entre os sexos está pronta para ser alcançada. Ainda que, por exemplo, todos os deputados e deputadas federais sejam formalmente iguais, a prática demonstra que alguns possuem mais prestígio, mais espaço, mais influência do que outros, o que é próprio de um *campo*, no sentido que Bourdieu empresta ao termo. Assim, da mesma forma que há uma diferença entre concorrer e se eleger, há outra, entre se eleger e alcançar as posições centrais no campo político, isto é, as posições de elevado capital político. (MIGUEL; BIROLI, 2008)⁶

O que Miguel e Biroli (2008) citam, é que apesar de existirem leis que determinam certa porcentagem mínima de 30% da participação feminina nas eleições, a desigualdade ainda é evidente, o cenário considerado “próprio” para a política feminina é aquele onde a mídia e a visibilidade jornalística não demonstra tanto interesse, questões sociais e ligadas a família, o que dificulta ainda mais a introdução das mulheres nesse contexto.

No Rio de Janeiro, nas eleições municipais de 2016, a Câmara de Vereadores, formada por 51 integrantes, sete mulheres foram eleitas, o que corresponde a quase 14% do total. São elas Luciana Novaes (Partido dos Trabalhadores - PT), Teresa Bergher

⁵ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/eleicoes/eleicoes-antiores/estatisticas-eleitorais-2016/candidaturas> Acesso dia: 31 de maio de 2018

⁶ Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762009000100003&script=sci_arttext Acesso dia: 31 de maio de 2018.

(Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB), Marielle Franco (Partido Socialismo e Liberdade - PSOL), Rosa Fernandes (Movimento Democrático Brasileiro - PMDB), Vera Lins (Partido Progressista - PP), Verônica Costa (PMDB) e Tânia Cristina Bastos e Silva (Partido Republicano Brasileiro - PRB). O Rio de Janeiro possui 92 municípios e somente oito têm suas prefeituras comandadas por mulheres.⁷

A participação feminina na política torna-se necessária e importante devido ao equilíbrio democrático proposto pelas eleições através do voto, uma vez que as mulheres não representam somente a pauta feminista, mas também caracterizam a luta por outros direitos que só cabem à elas enquanto vítimas da sociedade machista e preconceituosa. A dificuldade de ocuparem esses espaços pode vir de três aspectos: os próprios partidos, sociedade e mídia, ambos enxergam as mulheres como minoria e não investem para o crescimento delas nesse espaço. A mídia modifica e descontextualiza a luta feminina na política, são vários os exemplos onde a mulher é desqualificada e estereotipada pelos veículos massivos, confirmando o preconceito enraizado na sociedade e afirmando que a luta não é em vão.

Apesar das teorias contemporâneas de democracia conceder a participação política como fator importantíssimo para o desenvolvimento da democracia, ainda encontramos diversas barreiras que permitam o livre desenvolver democrático, dentre estas barreiras encontram-se a apatia, que diante do reforço do discurso masculino no campo político, aumenta a resistência da participação feminina, a diferença de acesso a recursos financeiros e políticos e o conservadorismo do eleitorado feminino também agravam este cenário. (LIMA, 2015, p. 9)

Lima (2015), fala sobre como a mulher ainda é vista participando somente de cenários sobre movimentos sociais, o que seria a política “própria” para ela, como citado anteriormente, demonstrando mais uma vez um contexto favorável para os homens e um cenário de conservadorismo sobre o voto feminino.

A discussão sobre a paridade de gênero é entendida de maneira estratégica para eliminar os obstáculos sexistas que impedem, até hoje, a igualdade de gênero para as mulheres, entendendo que mais da metade da população brasileira é feminina e que representam um número singelo de diversas lutas e movimentos pelas quais defendem.

Além de participarem na vida política de maneira diferenciada do que se observa para os homens, a atuação das mulheres nos parlamentos também tem sido identificada como diferenciada da masculina. Tal diferença tem sido entendida,

⁷ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/proc-publicacoes/mais-mulheres-na-politica-retrato-da-subrepresentacao-feminina-no-poder> Acesso dia: 02 de junho de 2018.

basicamente, a partir de dois aspectos: (i) moral, que atribui às mulheres uma atividade mais ética, honesta, “doce” e conciliadora, entre outros atributos; e (ii) temático, que associa sua atuação às áreas mais relacionadas aos cuidados, como uma extensão de seu papel no espaço privado, e que, na esfera das políticas públicas, traduz-se em uma atuação em áreas como educação, saúde, direitos humanos, ou voltada para grupos carentes de algum tipo de atenção especial, como crianças, idosos e portadores de deficiências. (PINHEIRO, 2007, p.32)

Em *Voices Feministas na Política*, conforme Pinheiro (2007), a autora critica a maneira como a mulher é vista no campo político e como a sociedade naturaliza essas características, que a falta dessa presença nos parlamentos e câmaras de vereadores viola o princípio da democracia representativa. Podemos pensar que os primeiros movimentos para o direito ao voto, foram necessários e de grande importância para a busca da igualdade até o presente momento, Pinheiro (2007), afirma que,

[...] O movimento sufragista, embora tenha sido conduzido por mulheres de elite que não questionavam a estrutura patriarcal da sociedade, foi responsável pelo reconhecimento dos seus direitos políticos. De fato, pode-se pensar que, dadas as condições sociais e culturais da época, a melhor estratégia (ou talvez única) fosse mesmo romper lentamente com os valores vigentes, garantindo o direito ao voto para, depois, buscar romper com os tradicionais papéis femininos. (PINHEIRO, 2007, p. 64)

A partir disso, as mulheres criaram coragem para lutar por espaço, a dificuldade na inserção desse campo representa também o desafio de conseguir se manter no mesmo, visto que a mídia, sociedade e partido não apoiam e incentivam a luta por esses lugares. O objetivo é refletir e entender o espaço político como necessário para as mulheres e a dificuldade de fazermos partes desse campo.

No cenário eleitoral, a discussão sobre a presença feminina na política nunca gerou tanto debate e reflexão. Os números de mulheres que ocupam os lugares de falas antes destinados somente ao sexo masculino têm sofrido significativo aumento, mas entendemos também que ainda há resistência em mulheres em espaços políticos-sociais. Aumentar esses números de mulheres em parlamentos é uma estratégia histórica e luta diária para que as mesmas possuam direitos nas decisões públicas. Para que esses números aumentem ainda mais e com objetivo de mudar a realidade de representação feminina na política brasileira, em 2018, foram implementadas novas regras eleitorais, a mesma diz: que pelo menos 5% do Fundo Partidário deve ser destinado a incentivar a participação do sexo feminino na política e disponibilizar 30% do tempo de televisão e de recursos do Fundo Especial de Financiamento de Campanha para as candidatas. Mudanças estas que complementam a lei de que 70% de cada partido deve ser preenchido com candidaturas de cada sexo. Apesar

dessas leis, ainda encontramos dificuldades em eleger mulheres em alguns estados, podemos dizer que essa transformação e representação caminha em passos lentos.

Analisando esse mapa político, de uma maneira mais atual, buscamos dados das últimas eleições ocorridas em 2018, onde a presença feminina teve aumento significativo⁸. Na Câmara dos Deputados, foram eleitas no total 77 parlamentares mulheres, em 2014 eram 51. Lembrando que com base no TSE, 30% do Fundo Eleitoral precisa ser gasto com candidaturas femininas. Deputadas eleitas por estado na Câmara: (Acre: 4; Alagoas:1; Amapá: 3; Bahia: 3; Ceará: 1; Distrito Federal: 5; Espírito Santo: 3; Goiás:2; Mato Grosso:1 ; Mato Grosso do Sul:2; Minas Gerais: 4 ; Pará: 1; Paraíba: 1; Paraná: 5; Pernambuco: 1; Piauí: 4; Rio de Janeiro: 10; Rio Grande do Norte: 1; Rio Grande do Sul: 3; Rondônia: 3; Roraima: 2; Santa Catarina: 4; São Paulo: 11; Tocantins: 2. Apenas, Amazonas, Maranhão e Sergipe não elegeram deputadas. No senado foram o total de 7 representantes femininas.

Além da importante atuação das mulheres nesses espaços, vale ressaltar que a porcentagem de eleitores, 53% são do sexo feminino, ou seja, além de estarem na Câmara de Deputados, Assembleias, Parlamentos, etc., as mulheres estão presentes para votar. Conseguimos fazer um breve resumo no último episódio envolvendo o candidato a presidência Jair Bolsonaro do Partido Social Liberal (PSL), onde um grupo de mulheres se reuniu para declarar repulsa ao candidato e suas propostas. O grupo agregou mais de 2 milhões de mulheres contra a candidatura do mesmo.⁹

Embora as mulheres já estejam com o direito ao voto garantido, ainda é muito baixa a participação nas esferas públicas e institucionais. Assim, após entender o contexto da mulher nesses espaços, a compreensão da importância de Marielle Franco como vereadora do Rio de Janeiro e sua morte, torna-se ainda mais reflexiva e representativa.

2.3 Marielle Franco

Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco, nascida no Complexo da Maré, Zona Norte do Rio de Janeiro, no dia 27 de julho de 1979. Socióloga com mestrado em Administração Pública, feminista e militante dos direitos humanos,

⁸ Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/07/bancada-feminina-cresce-de-51-para-74-na-camara-dos-deputados_a_23553804/ Acesso em: 02 de junho de 2018.

⁹ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/legis-ativo/as-mulheres-nas-eleicoes-de-2018/> Acesso em: 02 de junho de 2018.

iniciou sua luta e militância após a perda de sua melhor amiga, que foi vítima de bala perdida em um confronto entre policiais e traficantes na Maré e de tornar-se mãe aos 19 anos de uma menina. Nas palavras de Marielle, “aos 19 anos, me tornei mãe de uma menina. Isso me ajudou a me constituir como lutadora pelos direitos das mulheres e debater esse tema nas favelas”. Em 2002, Marielle entrou na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pelo Programa Universidade para Todos (PROUNI), cursando Ciências Sociais e desde então mostrou interesse pelo campo político e luta pelos direitos humanos, levando todo seu conhecimento para favela lugar onde nasceu e cresceu. Logo depois fez mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF), sua dissertação teve como tema “UPP¹⁰: a redução da favela a três letras”.

Em 2006, iniciou sua vida política após seu amigo Marcelo Freixo ser eleito deputado no estado do Rio de Janeiro, pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), logo Marielle filiou-se ao partido tornando-se a vereadora do Rio de Janeiro com mais de 46 mil votos pela coligação Mudar é possível pelo partido PSOL e pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). Mulher, negra, LGBT, criada na favela, lutou pelos direitos das mulheres, povo negro, movimentos contra a homofobia e aqueles que viviam qualquer forma de opressão, seus projetos na Câmara de Vereadores sempre foram pensados na população que representava. Marielle defendia a bandeira da igualdade e sempre dizia em suas falas que ocupar a política é fundamental para reduzir as desigualdades no país, dedicou sua vida política a militância na defesa de direitos humanos e contra violência nas favelas, após se integrar a equipe de campanha de Freixo, a vereadora assumiu a coordenação da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da assembleia.

A vereadora também criticava a intervenção federal na segurança pública do Rio de Janeiro. Assumindo a função de relatora da Comissão da Câmara de Vereadores do Rio, no dia 10 de março de 2018, Marielle denunciou em seu perfil nas redes sociais, de que os policiais do 41º Batalhão de Polícia Militar, haviam cometido abusos de autoridade contra moradores do bairro de Acari, Rio de Janeiro¹¹, temendo que a intervenção prejudicasse os mais pobres, moradores das comunidades do Rio. A vereadora, também, tinha como objetivo de luta a melhoria das condições das creches e escolas, garantindo diversidades de perspectivas, do transporte público, marcado pelo setor privado e da cultura e lazer das comunidades mais carentes. Na política, em um ano de mandato apresentou cerca de 20

¹⁰ UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) - Projeto da Secretaria Estadual do Rio de Janeiro, que visa instituir polícias comunitárias em favelas.

¹¹ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/03/15/interna_politica,944288/saiba-quem-era-marielle-franco-vereadora-assassinada-a-tiros-no-rio.shtml Acesso em: 02 de junho de 2018.

projetos de lei, em suas campanhas, defendia a implementação de campanhas contra o assédio sexual, apoio ao desenvolvimento da cultura do funk, etc, sempre assumindo a defesa das minorias.

Dentre os inúmeros Projetos de Lei que Marielle desenvolveu, entre os principais e que foram aprovados pela Câmara de Vereadores, estão¹²:

- Projeto de Lei **Espaço Coruja (PL 17/2017)**: “Institui o Espaço Coruja, programa de acolhimento às crianças no período da noite, enquanto seus responsáveis trabalham ou estudam. é também essencial para conquistar igualdade entre homens e mulheres, permitindo que mães com dupla jornada continuem seus estudos ou permaneçam em seus empregos”.
- Projeto de Lei **Dia de Thereza de Benguela no Dia da Mulher Negra (PL 103/2017)**: “Inclui no calendário oficial da cidade, Rio de Janeiro, o Dia de Thereza de Benguela como celebração adicional ao Dia da Mulher Negra, em homenagem à líder quilombola Thereza de Benguela, símbolo de força e resistência”.
- Projeto de Lei **Assédio não é passageiro (PL 417/2017)**: “Criar a Campanha Permanente de Conscientização e Enfrentamento ao Assédio e Violência Sexual no município do Rio de Janeiro, nos equipamentos, espaços públicos e transportes coletivos”.
- Projeto de Lei **Efetivação das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (PL 515/2017)**: “Prevê que o Município se responsabilize por suas obrigações legais, garantindo que as medidas socioeducativas do Judiciário sejam cumpridas pelos adolescentes em meio aberto, e eventualmente, dando-lhes oportunidades de ingresso no mercado de trabalho”.
- Projeto de Lei **Dossiê Mulher Carioca (PL 555/2017)**: “Cria o Dossiê Mulher Carioca, para auxiliar a formulação de políticas públicas voltadas para mulheres através da compilação de dados da Saúde, Assistência Social e Direitos Humanos no Município do Rio de Janeiro.”

Entre outros projetos, como Projeto de Lei (PL 0016/2017) pra fazer Valer o Aborto Legal no Rio; Projeto de Lei (PL 0072/2017) que inclui o dia da luta contra a homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia no calendário oficial da cidade; Projeto de Lei

¹² Disponível: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/camara-do-rio-aprova-5-projetos-de-lei-da-vereadora-marielle-franco-em-sessao-extraordinaria.ghtml>. Acesso em: 2 de junho de 2018.

(PL 0082/2017) que inclui o dia da Visibilidade Lésbica no calendário oficial da cidade do Rio de Janeiro (Reprovado pelos vereadores com 19x17 votos). O objetivo de Marielle Franco na vida política era dar voz e representar um povo pelo qual entendia suas lutas e dificuldades no dia a dia, seus projetos foram todos pensados em melhorar a vida dessas pessoas e dar visibilidade para questões que antes não eram pautadas na Câmara de Vereadores.

Figura 1 - Perfil Vereadores que Queremos - Marielle Franco - PSOL



Fonte: Youtube (2016)¹³

Antes de ser eleita, Marielle Franco, participou do “Perfil Vereadores que Queremos” (Perfil VQQ¹⁴), criado para divulgar candidatos vereadores do Rio de Janeiro. No vídeo, Marielle fala da importância de reivindicar e utilizar os espaços públicos para visibilizar as minorias, enfatizando que sua luta na Câmara é para pautar questões de gênero, movimento negro, as mulheres que estão na favela, quem são ela e quais as suas necessidades. Acreditando que a mudança desses lugares começa no diálogo, entendo o papel do Estado com esse processo.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKSWfgZLKMA> Acesso em: 27 de outubro de 2018.

¹⁴ Disponível em: <http://vereadoresquequeremos.redelivre.org.br/> Acesso em: 27 de outubro de 2018.

Figura 2 - Pronunciamento Marielle Franco Plenário da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro



Fonte: Youtube (2018)¹⁵

Em um dos seus últimos pronunciamentos feitos na Câmara do Rio de Janeiro, Marielle falava sobre a situação política do Brasil. Disse que “a democracia se encontra frágil”, pois o processo de Impeachment contra a Presidente Dilma Rousseff estava em andamento, ressaltando a importância das mulheres na política pois tornava o espaço ainda mais democrático. Questionou a situação das mulheres nas favelas e a falta de assistência do Estado com elas, Marielle ainda questionou sobre as creches, que o então Prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella do Partido Republicano Brasileiro (PRB) tinha proposto aumento e ampliação das mesmas para a cidade. Lembrou de outros discursos onde foi indagada sobre as estatísticas que trazia e então disse que as mulheres precisam se manifestar e ir às ruas, pois o Brasil está 7º lugar de 83 países entre os mais violentos; por dia são 12 mulheres assassinadas no país, Marielle ainda falou sobre a pesquisa no Rio de Janeiro, que apontam 13 estupros por dia no estado.

Durante o discurso, a vereadora foi interrompida por alguém se manifestando a favor da ditadura, gritando “Viva, Ustra!”, Marielle pede respeito ao plenário e diz “Não serei interrompida, não aturo ser interrompida pelos vereadores dessa casa e não ‘aturarei’ de um cidadão que vem aqui e não sabe ouvir a posição de uma mulher eleita.” Marielle fala sobre a intervenção militar nas favelas questionando sobre o bem estar das famílias que moram nesses lugares e a segurança das mulheres, negras e lésbicas. Trazendo alguns dados, a vereadora enfatizou que muitas mulheres negras ainda sofrem com preconceitos relacionados ao corpo, dando o exemplo de que quando passam na rua ainda precisam

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5PwJHGBoxTM> Acesso em: 27 de outubro de 2018

aturar alguns homens comentando sobre o quadril largo e etc, como se estivéssemos no tempo de escravidão, enfatizando mais uma vez que estamos em um processo democrático, e que estes, terão que aturar mulheres negras, lésbicas, transsexuais ocupando a diversidade nos espaços.

Ressalta que é contra o porte de armas, lembrando fatos e situações que o instrumento causaria ainda mais mortes, “é por isso que homens e mulheres que pensam em um processo democrático são contrários ao que pode vitimar ainda mais a nós, população da cidade do Rio de Janeiro”, defendendo melhores condições de trabalho para essas pessoas. Defende também, a presença de mais mulheres no espaço político justamente para o mesmo ser um lugar democrático e representativo, para que as políticas públicas entendam o motivo de ter vagão separado para mulheres nos trens da cidade, falando de mobilidade a partir das questões sobre gênero. Marielle parabenizou as mulheres que fizeram parte de sua campanha e disse que 80% do seu mandato é feito por elas, dizendo que “uma mulher sobe e puxa a outra”. Marielle conclui sua fala dizendo que é preciso valorizar as mulheres, construir uma sociedade igual e dita os nomes das mulheres negras que a ajudam a manter sua candidatura e a força de seguir lutando e representando na política. “Vamos juntas lutando contra toda a forma de opressão, tendo uma diversidade de luta, na pauta pela vida das mulheres, pela legalização do aborto, pela luta das maternidades, pela cultura, empreendedorismo, as mulheres da zona oeste [...]”. Militante dos direitos humanos, Marielle falou sobre o Dia Internacional da Mulher (08 de março de 2017) e refletiu sobre a importância das mulheres nos espaços públicos e político.

2.3.1 Assassinato de Marielle Franco

No dia 14 de março de 2018 por volta das 21h30min, Marielle voltava da Casa das Pretas na Lapa, Rio de Janeiro, junto com o motorista e sua assessora de trabalho, depois de mediar um debate promovido pelo partido PSOL, com jovens negras da comunidade. Após sair a Casa das Pretas, a vereadora foi surpreendida com um carro que emparelhou o veículo onde estava, realizando 13 disparos, onde pelo menos quatro tiros acertaram a cabeça de Marielle. Os criminosos saíram do local sem levar nada, o motorista do carro, Anderson Pedro Gomes, também foi morto.

O assassinato da vereadora provocou grande repercussão na mídia e foi divulgado de várias formas, em alguns desses veículos midiáticos o acontecimento rendeu diversas

capas e em outros a morte de Marielle tratou-se de “mais uma vítima da violência no Rio de Janeiro”, completando mais de 7 meses sem respostas e sob a pressão de amigos, ativistas e da opinião pública a polícia continua as investigações. Fazer parte da política e ocupar um espaço que não tem cenário favorecido para as mulheres, foi de grande importância e representatividade, sua história muitas vezes foi esquecida pela mídia, que descontextualizou as lutas e não deu visibilidade para os projetos que Marielle criou enquanto vereadora do Rio de Janeiro.

Com passos lentos, a investigação percorre caminhos para encontrar quem matou Marielle, de acordo com informações do Site G1-Globo¹⁶, uma testemunha contou à polícia que o vereador Marcello Siciliano do Partido Humanista da Solidariedade (PHS) e o ex-Policial Militar (PM) Orlando Oliveira de Araújo queriam a morte da vereadora. O ex-PM Orlando, está preso acusado de chefiar milícia. A pista mais importante sobre o caso surgiu após 55 dias da morte de Marielle e foi revelada através de uma reportagem no jornal O Globo¹⁷, de acordo com a testemunha ouvida pelas Polícias Federal e Civil, Siciliano prestou depoimento porém dois dias após o depoimentos, um dos seus assessores foi brutalmente morto dentro do seu carro, ocorrido que foi interpretado como queima de arquivo. A testemunha conta com o sigilo da polícia Federal, entregando junto aos nomes dos dois mais quatro homens que seriam os escolhidos pela dupla para cometer o assassinato.

Figura 3 - O Globo - testemunha envolve vereador e miliciano no assassinato de Marielle Franco

Exclusivo: testemunha envolve vereador e miliciano no assassinato de Marielle Franco

Ameaçado de morte pela milícia, homem cita o político Marcello Siciliano e Orlando de Curicica, que está preso, em depoimento à polícia

Antônio Werneck
08/05/2018 - 19:07 / 09/05/2018 - 10:54

Vereadora Marielle Franco durante uma sessão na Câmara do Rio Foto: Rafaela Cassiano / Agência O Globo

¹⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/07/24/o-que-se-sabe-sobre-as-mortes-de-marielle-franco-e-anderson-gomes.ghtml> Acesso em: 27 de outubro de 2018.

Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/jungmann-diz-que-principal-linha-de-investigacao-da-morte-de-marielle-e-envolvimento-de-milicias.ghtml> Acesso em: 27 de outubro de 2018.

¹⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/exclusivo-testemunha-envolve-vereador-miliciano-no-assassinato-de-marielle-franco-1-22662903> Acesso em: 27 de outubro de 2018.

O Jornal El País¹⁹ relata brevemente o depoimento da testemunha,

Em três depoimentos, a testemunha, que assegura ter sido coagida a trabalhar para o ex-policial, conta ter presenciado ao menos quatro reuniões entre ele e Siciliano. Sobre um delas, ocorrida em um restaurante no Recreio, contou: "Eu estava numa mesa, a uma distância de pouco mais de um metro dos dois. Eles estavam sentados numa mesa ao lado. O vereador falou alto: 'Tem que ver a situação da Marielle. A mulher está me atrapalhando'. Depois, bateu forte com a mão na mesa e gritou: 'Marielle, piranha do [deputado estadual Marcelo] Freixo'. Depois, olhando para o ex-PM, disse: 'Precisamos resolver isso logo'". O motivo de tanto ódio, segundo a testemunha, é o fato de que o grupo de Orlando, dono da comunidade Vila Sapê, trava uma guerra contra traficantes da Cidade de Deus. Para defender seus moradores, ainda segundo o depoimento, Marielle "peitava o vereador e o miliciano". Uma briga teria inclusive ocorrido por meio das associações de moradores de ambas as comunidades. (EL PAÍS, BRASIL, 2018)

Após a repercussão da investigação, Marcello Siciliano disse em depoimento estar "chateado" com a acusação e que entre ele e Marielle existia relação de amizade. Um breve resumo sobre a vida política de Siciliano vereador do Rio de Janeiro em seu primeiro mandato, com maioria dos votos em região como Barra da Tijuca, Recreio e Vargem Grande, dominadas por miliciano, grupos paramilitares que são formados por agentes do Estado, tais como policiais e bombeiros que regulam serviços de transporte, gás, internet e TV a cabo ilegalmente. No Estado do Rio de Janeiro cerca de 160 comunidades são submetidas aos poder das milícias. Poder esse, que Marielle Franco sempre lutou contra pois afetava as comunidades mais pobres e carentes do Rio. Ela e Freixo através dos relatórios dos trabalhos, enquanto participavam da CPI das Milícias, pediram indiciamento 225 pessoas envolvidas o esquema e ligadas à política. Marcelo Freixo teve de passar um tempo fora do Brasil pelo teor das denúncias e até mesmo andar acompanhado de seguranças.

Desde o início das investigações que a polícia trabalha com a hipótese de execução por milicianos, por causa do grau de profissionalismo na morte da vereadora, a arma que matou Marielle era uma submetralhadora HK MP5, utilizada por forças armadas de elite militar do Estado, a munição da arma pertencia a um lote comprado pela Polícia Federal de Brasília em 2006. Algumas apurações sobre o assassinato foram descobertas, assim como tipo físico dos supostos assassinos, locais por onde o carro dos executores percorreu, porém todas as informações antes da conclusão final estão em sigilo com a Polícia.

¹⁸Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/exclusivo-testemunha-envolve-vereador-miliciano-no-assassinato-de-marielle-franco-1-22662903> Acesso em: 27 de outubro de 2018.

¹⁹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/09/politica/1525887353_562439.html Acesso em: 27 de outubro de 2018

A última informação sobre o caso seria de que uma organização criminosa estaria trabalhando para impedir e atrapalhar a elucidação do crime²⁰. Um novo inquérito foi aberto sob pedido da procuradora geral da república, Raquel Dodge, o caso está sob controle da Polícia civil do Rio de Janeiro.

O caso ainda não foi encerrado e continuam as investigações do crime, a pressão das comunidades e povo que Marielle representava faz com que a Polícia acelere a mesma para enfim achar o(s) culpado(s).

2.3.2 A tentativa de desconstruir a imagem de Marielle

Com a investigação ainda em andamento, a morte de Marielle teve repercussão em diversos veículos de comunicação, alguns com a tentativa de desconstruir a imagem da vereadora, desmoralizando e desmerecendo sua luta enquanto mulher, negra e eleita com a maioria dos votos para vereadora do Rio de Janeiro.

As mentiras relacionadas a vida pessoal e política de Marielle foram tantas que o juiz da 15ª Vara Cível do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, determinou que o Facebook retirasse, em um prazo de 24 horas, informações e publicações falsas sobre a vereadora. Entre as mentiras e notícias falsas criadas para desqualificar a imagem de Marielle, muitos compartilharam e repassaram essas informações adiante também por deputados, como Alberto Fraga do partido Democratas (DEM).

Figura 4 - Tuíte do deputado federal Alberto Fraga - Twitter



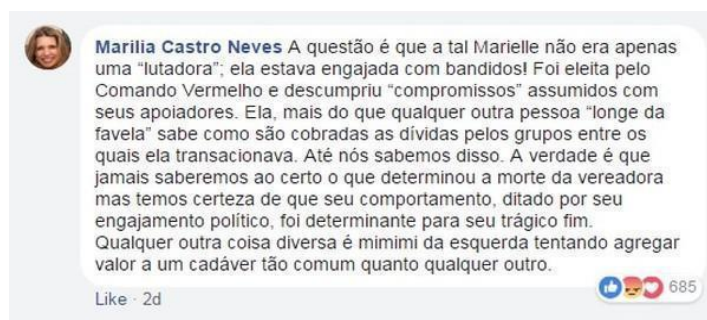
Fonte: G1 Globo (2018)²¹

²⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/11/01/pf-vai-investigar-suposta-organizacao-criminosa-que-impediria-elucidacao-do-caso-marielle.ghtml> Acesso em: 09 de novembro de 2018.

²¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/justica-do-rio-determina-que-facebook- retire-publicacoes-com-informacoes-falsas-sobre-marielle-em-24-horas.ghtml> Acesso em: 19 de outubro de 2018.

O deputado apagou o tuíte logo após a repercussão da notícia e admitiu que errou em compartilhar a informação sem checar a fonte. Marília Castro Neves, desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, também publicou no Facebook comentário no qual dizia que Marielle estaria engajada com bandidos.

Figura 5 - Publicação no Facebook da desembargadora Marília Castro Neves.



Fonte: G1 Globo (2018)²²

As notícias falsas também foram punidas no Youtube, onde a justiça determinou que 16 vídeos com ofensas a Marielle fossem retirados da plataforma. A irmã e a viúva de Marielle pediram à justiça que retirasse qualquer informação cujo conteúdo fosse ofensivo a memória da vereadora e ferisse sua honra e ética. No site oficial Marielle Franco²³, na ‘aba’ **A Verdade**, todas as notícias falsas são desmentidas, instigando a quem visita o site a denunciar outros tipos de publicações caso encontrado na Internet.

Marielle era ex do Marcinho VIP - FALSO

“Marielle Franco nunca foi casada, nem teve relacionamento ou engravidou de Marcinho VP, seja o Márcio Amaro de Oliveira, traficante do Morro Santa Marta, ou Márcio dos Santos Nepomuceno, traficante do Complexo do Alemão.”

Marielle foi eleita pelo Comando Vermelho - FALSO

“Marielle Franco nunca fez parte de qualquer facção criminosa. Não há qualquer motivo de relacionar a eleição de Marielle ao tráfico. Marielle foi eleita vereadora com 46,5 mil votos. A maior parte dos votos vieram da Zona Norte, cerca de 47% do total, seguidos da Zona Sul (34%), Zona Oeste (18%) e Centro (1%). Na região de Bonsucesso, que abarca os eleitores da Maré, Marielle teve 7% dos seus votos. Todas as

²² Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/justica-do-rio-determina-que-facebook- retire-publicacoes-com-informacoes-falsas-sobre-marielle-em-24-horas.ghtml> Acesso em 19 de outubro de 2018.

²³ Disponível em: <https://www.mariellefranco.com.br/averdade> Acesso em: 19 de outubro de 2018.

suas contas de campanha foram aprovadas pelo Tribunal Regional Eleitoral. Fizemos uma linda campanha, nas ruas, nas redes, nas favelas, com apoio da população e de personalidades.”

Marielle era usuária de Maconha - FALSO

“Marielle Franco não era usuária de maconha nem de qualquer outra droga, mas isso nunca a impediu de lutar por nova política de drogas. Marielle tinha convicção de que é necessário superar a lógica do confronto armado, que mata negros, pobres e favelados todos os dias. Essa suposta “guerra às drogas” tornou-se, ao longo de décadas, fonte de violência, desigualdade e corrupção.”

Marielle engravidou aos 16 anos - FALSO

“Marielle Franco não engravidou aos 16 anos. Marielle foi morta aos 38 anos e sua filha tem 19 anos, logo, sua gestação aconteceu quando tinha 18 a 19 anos de idade, e não aos 16. E mesmo que Marielle tivesse engravidado aos 16 anos, deveria ser respeitada e acolhida.”

Marielle defendia bandido - FALSO

“Marielle Franco nunca defendeu qualquer ato criminoso ou fora da lei. Mas lutamos para que, nenhum assaltante ou infrator seja, torturado, amarrado à postes e executado. Defender isso é defender a garantia da nossa Constituição. Não é “defender bandido”, é defender que a lei seja cumprida. Justiça é diferente de vingança. A lei e o Estado existem para que não exista a barbárie.”

O último fato, com repercussão, envolvendo o caso de Marielle Franco aconteceu²⁴ quando os candidatos do Partido Social Liberal (PSL), destruíram a placa em homenagem a vereadora. Rodrigo Amorim e Daniel Silveira, deputado federal, quebraram a placa de rua em homenagem Rua Marielle Franco em uma esquina na Praça Floriano, Cinelândia, onde se localiza a Câmara Municipal. Amorim, afirma em suas redes sociais que a placa com nome de Marielle era uma suposta “depredação do patrimônio público”, pois segundo ele a placa antiga em homenagem ao marechal foi retirada ilegalmente do local. Marcelo Freixo levou o caso a polícia exigindo uma investigação, e questionando o motivo de tanto ódio a Marielle²⁵.

²⁴ Data do acontecimento: 03 de outubro de 2018 (quarta-feira).

²⁵ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,candidatos-do-psl-destroem-placa-com-homenagem-a-marielle-franco,70002531740> Acesso em: 19 de outubro de 201.

Com tantas mentiras, ódio e notícias falsas, aqueles que se identificaram com Marielle através de seu discurso e luta, saíram às ruas para manifestar e pedir justiça pelo assassinato e uma posição do governo.

2.3.3 Marielle Franco, Presente!

Eleita com mais de 46 mil votos para vereadora, Marielle foi assassinada com 4 tiros na cabeça, a repercussão do crime não foi somente através dos veículos de comunicação, mas também em diversas manifestações pedindo justiça e para que as investigações fossem feitas de forma mais rápida e eficaz.

O episódio no qual deputados destruíram a placa em homenagem a Marielle gerou ato em defesa e manifestação contra o ocorrido, foram distribuídas mais de mil placas com o nome Rua Marielle Franco. “Nos sete meses do assassinato da vereadora, manifestantes condenam a destruição, por candidatos do PSL, de uma sinalização simbólica em homenagem à parlamentar”, é o título da matéria no Site Carta Capital²⁶, domingo dia 14 de outubro, manifestantes foram às ruas em homenagem a Marielle Franco. Condenando a destruição de placa com o nome da vereadora, distribuindo para as manifestantes placas novas simbolicamente. A manifestação aconteceu na Cinelândia, mesmo local onde a placa verdadeira foi destruída. A iniciativa surgiu através de um site cujo nome é Sensacionalista, que criou campanha de financiamento coletivo para arrecadar dinheiro para a confecção de novas placas. A meta foi atingida em 20 minutos, arrecadando no total de 42 mil reais, com doações realizadas por cerca de 1.700 pessoas.

²⁶ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ato-distribui-mil-placas-com-nome-de-marielle-no-rio>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

Figura 6 - Ato distribui mil placas com nome de Marielle no Rio de Janeiro



Fonte: Carta Capital (2018)²⁷

Milhares de pessoas foram às ruas para manifestar o sentimento por justiça pela a morte da vereadora, os protestos ocorreram na Cinelândia e em diversos pontos do Centro do Rio de Janeiro. Em outros estados também ocorreram manifestações para Marielle: Alagoas, cerca de 300 pessoas compareceram nas ruas em Maceió; Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, no Belo Horizonte em Minas Gerais a organização da manifestação informou cerca de 30 mil pessoas no ato; Em Belém no Pará, as estimativas foram de 1.500 pessoas reunidas no Mercado de São Brás; Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe, todos com manifestações na rua após o assassinato da vereadora do PSOL²⁸.

²⁷ Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ato-distribui-mil-placas-com-nome-de-marielle-no-rio> Acesso em: 27 de outubro de 2018.

²⁸ Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/manifestantes-protestam-pelo-pais-contra-a-morte-de-marielle-franco.ghtml> Acesso em: 27 de outubro de 2018.

Figura 7- Manifestação após o assassinato de Marielle na Avenida Paulista



Fonte: G1 Globo (2018)²⁹

No Rio de Janeiro, as manifestações ocorreram logo após a notícia de que Marielle tinha sido assassinada. No velório, Marcelo Freixo, amigo da vereadora e de luta carregou o caixão junto com a multidão.

Figura 8 - Marcelo Freixo carregando caixão de Marielle Franco no Rio de Janeiro



Fonte: G1 Globo (2018)³⁰

A multidão caminhou até a Câmara de Vereadores e fizeram momentos de oração e silêncio em respeito a morte de Marielle e Anderson.

²⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/marielle-franco-e-homenageada-no-rio-um-dia-apos-morte-fotos.ghtml> Acesso em: 28 de outubro de 2018.

³⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/marielle-franco-e-homenageada-no-rio-um-dia-apos-morte-fotos.ghtml> Acesso em: 28 de outubro de 2018.

Figura 9 - Manifestação na frente da Câmara de Vereadores Rio de Janeiro.



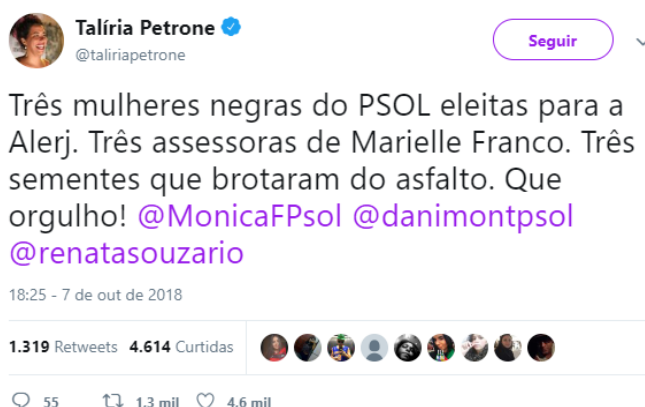
Fonte: G1 Globo (2018)³¹

Feminista, mulher negra, homossexual, moradora da favela, defensora dos direitos humanos e do movimento negro, Marielle teve sua vida tirada covardemente. Eleita, ela representava grande parte da população da favela da Maré onde nasceu e foi criada, essas pessoas através de manifestações e homenagens ajudaram a manter a memória da Marielle viva, e fazer com que sua luta enquanto vereadora do Rio de Janeiro não fosse em vão. Tentaram calar sua voz, mas ela se multiplicou e Marielle virou semente.

Nas eleições 2018, quatro candidatas ligadas a Marielle foram eleitas, todas negras e pelo PSOL. Talíria Petrone, 33 anos, professora de história, negra, feminista e vereadora de Niterói desde 2016, onde iniciou seu mandato ao lado de Marielle. Com 107 mil eleitores, ela chega a Câmara de Deputados sendo a nona mais votada do estado e a segunda entre os candidatos do PSOL. Talíria promete defender a descriminalização e legalização do aborto, fazendo uma nova política em relação às drogas e derrubar o projeto Escola sem Partido.

³¹ Disponível em:
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/marielle-franco-e-homenageada-no-rio-um-dia-apos-morte-fotos.ghtml> Acesso em 27 de outubro de 2018.

Figura 10 - Talíria Petrone na rede social *Twitter*



Fonte: Twitter (2018)³²

Entre as amigas da vereadora que foram eleitas, está a ex-chefe de gabinete de Marielle, eleita com 64 mil votos, sendo a nona mais votada entre os 70 deputados eleitos no Rio de Janeiro. Renata Souza, mulher negra, também criada na favela da Maré, trabalhou com Marcelo Freixo assim como Marielle, durante 10 anos. Mônica Francisco de 48 anos, teve votação expressiva com 40,6 mil votos que garantiram uma cadeira na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), cientista social, militante dos direitos civis há 30 anos foi assessora de Marielle na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

Além de amigas e próximas da Marielle, outras mulheres negras que lutam pelos mesmos direitos entre gênero ocuparam os espaços estaduais e federais. A vereadora de Belo Horizonte, Áurea Carolina do PSOL, com mais de 162 mil votos. Olívia Santana, primeira deputada estadual negra da Bahia, pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB) com mais de 58 mil votos.

A chapa, Juntas, do PSOL, em Pernambuco teve mais de 40 mil votos, levando para a assembleia legislativa do Estado cinco mulheres. Sendo uma delas, Robeyoncé Lima, mulher, negra, transexual e a primeira advogada a ter o direito de usar o nome social na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Já no estado de São Paulo, Érica Malunginho da Silva, também pelo PSOL, foi eleita deputada estadual com 55,2 mil votos, primeira mulher trans conquistando uma vaga na Assembleia legislativa paulista.³³

³² Disponível em: <https://twitter.com/taliriapetrone/status/1049108600466100225> Acesso em 30 de outubro de 2018.

³³ Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/10/10/as-sementes-de-marielle-franco-quem-sao-as-mulheres-negras-eleitas-em-2018_a_23557207/ Acesso em: 30 de outubro de 2018.

A morte de Marielle significa atentado para democracia, representa o perigo de estar na política e expressar suas lutas e movimento enquanto mulher negra. As sementes que a vereadora plantou em seu mandato, serão a resistência em um governo tão autoritário e indiferente com as minorias, podemos dizer que estas mulheres são as herdeiras do legado de Marielle e a força para continuarmos lutando no que acreditamos. As homenagens para a vereadora continuam até o presente momento, a escola de samba Estação Primeira de Mangueira divulgou o samba enredo da escola para o carnaval de 2019, com o tema “História para ninar gente grande”, a escola levará um olhar diferente sobre a história do Brasil e fará homenagem para Marielle Franco.³⁴ A tese de mestrado de Marielle Franco pelo mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2012, deu vida ao livro titulado “UPP – A redução da favela a três letras”, que trata sobre a militarização da segurança pública e a violência estrutural do Estado nas favelas cariocas. O dinheiro arrecadado com a venda dos livros, será encaminhado para a família da vereadora.

Em julho de 2018, a assembleia legislativa do Rio de Janeiro, aprovou a lei 8054/2018 que consolidou o dia 14 de março ao calendário oficial do Estado do Rio, como o Dia Marielle Franco - Dia de Luta contra o genocídio da Mulher Negra.

2.4 Critérios de noticiabilidade e os jornais Extra e O Globo

Como discente do curso de Relações Públicas, mas reconhecendo a importância de apresentar sobre os critérios de noticiabilidade dos jornais uma vez que o tema abordado nesta monografia é analisar as capas dos Jornais Extra e O Globo, iremos de forma sucinta explicar o processo de escolha das notícias e a relação com os valores sociais na produção da informação, refletindo o papel do jornalismo. Podemos dizer que o jornalismo é um dos principais articuladores na produção de notícias e dos saberes do cotidiano, é o que nos orienta e informa.

Através das fontes jornalísticas que o profissional partilha das notícias e divulga as informações, o uso dessas fontes de informação é o primeiro passo para pensarmos em neutralidade e veracidade das mesmas, para poder obter essas informações seguras, é necessário consultar as fontes que são reconhecidas pela sua credibilidade e que são aptas para explicar os assuntos em questão, como citamos anteriormente no caso da Marielle,

³⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/10/mangueira-escolhe-samba-do-carnaval-de-2019-e-homenageia-marielle.shtml> Acesso em: 09 de novembro de 2018.

checar essas informações são de extrema importância para não gerar notícias falsas numa proporção grande de mentiras sobre determinado assunto.

Para os jornalistas, no processo de criação da notícia é fundamental a compreensão dos valores em uma sociedade, ou seja, o que esses profissionais ditam como real, será produzido como verdade para os meios de comunicação e conseqüentemente para o público que será atingido pela mídia, assim a importância da neutralidade na divulgação. Para a identidade do profissional, alguns aspectos e ferramentas são utilizados na formação da notícia, como por exemplo, os critérios de noticiabilidade que são os aspectos para a seleção das notícias, as suas escolhas e as decisões tomadas conscientemente ou inconscientemente é o que definem as notícias dando sentido ao acontecimento.

Segundo Wolf, “[...] a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (WOLF, 2003, p. 190). O que nos indica claramente uma existência de processo de escolha para as notícias, selecionando e excluindo aquelas informações ditas como não necessárias, sem relevância. Os critérios de noticiabilidade, são aqueles adotados para que os fatos se transformem em notícias, podemos chamar de valores-notícias:

[...] São critérios de seleção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível até à redação. [...] funcionam como linhas-guias para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que de ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias e apresentar ao público. Os valores-notícias são, portanto, regras práticas que abrangem um corpus de conhecimentos profissional que, implicitamente, e muitas, vezes, explicitamente, explicam e guiam os procedimentos operativos redatoriais. [...] Na realidade, os valores-notícias estão continuamente presentes nas interações quotidianas dos jornalistas na sua cooperação profissional. Mas, mais ainda, constituem referências, claras e disponíveis, a conhecimentos partilhados sobre a natureza e os objetos das notícias, referências essas que podem ser utilizadas para facilitar a complexa e rápida elaboração dos noticiários. Os valores-notícias são qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalísticas, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído. (WOLF, 1995, p. 175-176)

Esses critérios são etapas para a produção das notícias, processo que tem o objetivo de buscar e gerar significados para as informações que serão divulgadas pelos meios de comunicação, os valores-notícias são elementos que estão presentes na informação recebida pelo jornalista, identificados como critérios de noticiabilidade, essas características operam de sentidos que servem de guia para os jornalistas. A subjetividade desses valores-notícia, podem ser visões e experiências dos próprios profissionais ou

associados à ideologias da empresa, levando em conta elementos pertinentes à cultura profissional. Faz parte da responsabilidade do profissional de jornalismo, identificar se tal fato pode ser considerado notícia, Traquina (2005), define;

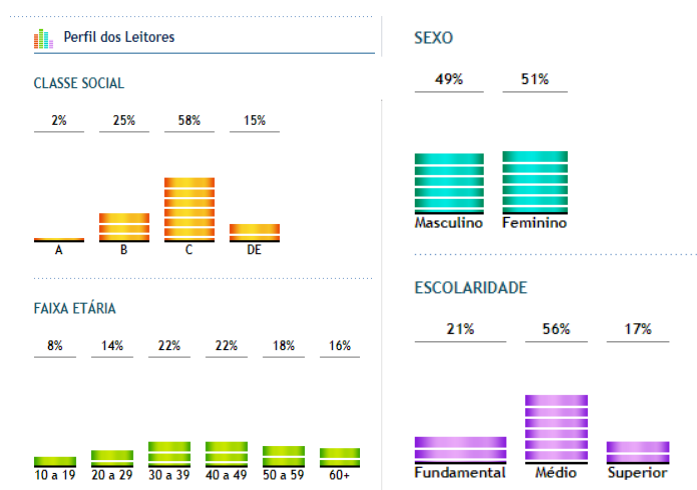
[...] Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possui calor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam de um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e , por isso, possuindo ‘valor notícia’ . (TRAQUINA, 2005, p. 63)

É o profissional que seleciona a informação a ser veiculada no jornal, sendo dever dele compreender a relevância que a mesma possui, de forma neutra e imparcial, partes essenciais para informar a sociedade.

Para a análise iremos utilizar os jornais; Extra e O Globo, do Rio de Janeiro:

O Extra, jornal impresso brasileiro da cidade do Rio de Janeiro, fundado em 1998, tornou-se um dos mais bem quistos desde então, alcançando em 2010, 302.697 exemplares vendidos, através do sucesso nas bancas o jornal desenvolveu versão digital para qualquer tipo de dispositivo. Através de pesquisa realizada pelo Infoglobo analisando o perfil dos leitores do Jornal O Extra, conseguimos notar também, que o público que faz uso do jornal é, 58% classe C; com idade de 30 a 39 / 40 a 49 anos e com a maioria do sexo feminino e com escolaridade média. O preço do jornal impresso é de R\$1,25 de segunda a sábado e de R\$2,75 aos domingos.

Figura 11 - Perfil leitores Jornal Extra

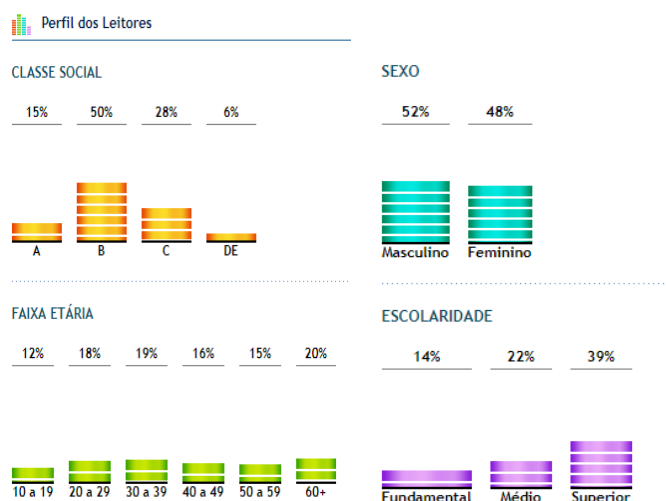


Fonte:³⁵ InfoGlobo (2017)

³⁵ Disponível em: <https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=92> Acesso em: 29 de outubro de 2018.

O Globo, jornal impresso do Rio de Janeiro, fundado em 1925, mais antigo que o jornal Extra, também tem plataforma digital e segue orientação política conservadora, sendo um dos maiores jornais do país. O público alvo do jornal é 50% classe B; com idade acima de 60 anos e a maioria do sexo masculino, com 39% de escolaridade superior. O valor do jornal de segunda a sábado é de R\$ 5,00, nos domingos R\$ 7,00.

Figura 12 - Perfil leitores Jornal O Globo



Fonte:³⁶ InfoGlobo (2017)

A pesquisa realizada entre julho de 2008 e junho de 2009, que traça o perfil dos leitores nos jornais que citamos, conseguimos identificar que existe significativa diferença de público entre os mesmos, desde o sexo, idade, classe social e escolaridade, a partir disso já podemos entender que as abordagens das matérias e notícias apresentarem características diferentes.

3 FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

O primeiro passo para a realização da análise consiste em delimitar os métodos de pesquisas, foi inevitável não utilizar pesquisa qualitativa entendendo que a mesma é uma escolha pertinente quando tratamos de assunto com cunho social no campo da comunicação. A pesquisa qualitativa se deve à necessidade de gerar informações e dados sobre o assunto abordado, abrindo experiências para trechos de documentos, entrevistas, discursos de grupos ou organizações. Os conteúdos que são adquiridos através da pesquisa

³⁶ Disponível em: <https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=91> Acesso em: 29 de outubro de 2018.

qualitativa servem de importante filiação para o estudo, possuindo base empírica, ela é produzida em etapas, a partir das observações sobre o tema, coleta e análise dos dados obtidos.

A análise, também foi desenvolvida através de pesquisa bibliográfica que para Stumpf (2012, p. 51) significa,

[...] num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões. (STUMPF, 2012, p. 51)

É o processo pelo qual identificamos e selecionamos as informações já existentes sobre o determinado assunto, separando os documentos pertinentes para a utilização de fichamento e anotações, através desta análise, irão surgir fontes de debates na qual serão a base para o desenvolvimento da conclusão. A partir da pesquisa bibliográfica e selecionando os conteúdos de interesse e que contribuem com o tema, a metodologia parte para a análise de conteúdo, método que será utilizado como instrumento para a investigação do problema de pesquisa, para Gil (1989, p. 166) “a análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas para o problema proposto para a investigação.”

Para Fonseca Júnior (2012, p.280) a análise de conteúdo “surge com novas técnicas e novos objetos a serem investigados”, a partir do século XX que a análise foi regularizada estando a serviços de diversos campos de conhecimentos, como por exemplo, a descoberta de armas alemãs pelos britânicos só foi possível através da pesquisa e análise de propagandas, entrevistas e discursos divulgados pelos meios de comunicação de massa. Durante a Segunda Guerra Mundial, a análise de conteúdo teve papel importante e foi a partir desse momento que teve grande impulso como método de pesquisa, o governo americano utilizou dela para desmascarar e monitorar transmissões radiofônicas nazistas. Logo, a análise adquiriu avanços, sendo elas:

[...] 1) incorporação de ricos marcos teóricos com a adesão de muitos cientistas sociais eminentes; 2) a definição de conceitos bastantes específicos, como os de atitude, estereótipo, estilo, símbolo, valor e métodos de propaganda; 3) a aplicação de enquetes e experimentos psicológicos; 4) a incorporação dos dados procedentes da análise de conteúdo em trabalhos de maior envergadura. (JÚNIOR, 2012, p.283)

Compreendendo que a análise está relacionada com outros campos, como a análise semiótica de imagens, o método pode seguir diferentes polos: quantitativo ou qualitativo, depende do objetivo do pesquisador e o problema que norteia a pesquisa. O perfil da mesma, durante muito tempo foi considerada análise de mensagens escritas e impressas, onde até os discursos políticos e entrevistas eram descritos e analisados através da transcrição de dados. De acordo com Krippendorff (1990, p. 35-40), o pesquisador deve levar em consideração para a análise de conteúdos alguns aspectos, tais como; 1) deixar claro os dados que estão sendo analisados e de que modo foram definidos; 2) contextualizar os dados que serão pesquisados, lembrando sempre que os mesmos podem ser utilizados em outras áreas, como sociologia, psicologia ou comunicação; 3) o conhecimento do pesquisador, contextualizando os dados com o contexto definidos para a pesquisa; 4) definir com clareza os objetivos da análise; 5) relacionar os dados obtidos com o contexto da pesquisa e 6) estabelecer critérios para comprovar os resultados da pesquisa.

Após estabelecer esses aspectos, a análise de conteúdo irá seguir determinada organização, que para Fonseca Júnior (2012, p.290) são: pré-análise: planejamento do trabalho, estabelecendo as ideias e sistematizando o desenvolvimento da mesma; exploração do material: identificar o objetivo de estudo e administrar as decisões tomadas na categoria anterior e por último a interpretação dos dados: estudando os resultados obtidos na pesquisa. Toda a pesquisa é norteada por um desejo de compreensão real, que utiliza desses processos e métodos para chegar em resultados para a pergunta inicial, esses processos e métodos na análise podem ser aplicados de diferentes maneiras, Krippendorff (1990, p.45-69) organiza em 6 dimensões: sistemas; normas; índices e sintomas; representações linguísticas; comunicações e processos institucionais. Estabelecida as dimensões, o próximo passo é entender o que constitui a análise de conteúdo, esse passo nada mais é que a definição dos documentos a serem submetidos para à análise, no caso da nossa pesquisa, serão os jornais impressos, mais especificamente as capas do jornal Extra e O Globo.

3.1 Procedimentos da análise

A pesquisa, como explicado anteriormente, é de cunho qualitativo e foi realizada através da análise de conteúdo das capas dos jornais Extra e o Globo do Rio de Janeiro, nos seguintes dias: 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21, do mês de março de 2018. Os dias correspondem aos seguintes a morte de Marielle Franco assassinada com quatro tiros na cabeça.

A análise da monografia segue a seguinte estrutura, planejamento da pesquisa e a escolha dos métodos, indo a campo e procurando os trabalhos que poderiam ajudar na construção da monografia, denominado estado da arte. Conhecendo sobre os objetos de estudo e entendendo o público de interesse e a linha editorial de cada jornal, veículos midiáticos escolhidos para análise e a partir das primeiras informações obtidas, conseguimos criar um cronograma com as etapas seguintes, o que nos ajudou na construção para os seguintes capítulos e prazos para cumprir. Explorando o material adquirido, elaboramos os capítulos como base para a análise e seguindo a ideia dos objetivos específicos construídos na primeira etapa do projeto, logo após identificando o objeto de estudo para fazer a interpretação dos dados. Delimitando o tema para a análise das capas dos Jornais Extra e O Globo, trazendo gráficos e dados sobre o público de interesse de cada meio midiático e identificando que ambos percorrem linhas editoriais distintas, o próximo passo foi a coleta das capas no recorte de tempo nas edições de uma semana após o assassinato de Marielle.

A análise busca identificar a imagem pública de Marielle Franco diante as capas Extra e O Globo, desta maneira as capas foram coletadas a partir dos acervos de imagens na internet e a seguir descritas separadamente, analisando as manchetes, texto de apoio e imagens que cada veículo optou para a divulgação da morte da vereadora, assim como a localização da matéria na capa do jornal. A pesquisa não tem cunho comparativo entre os jornais selecionados, mas sim o objetivo de entender quem era Marielle para esses jornais a partir do que ela defendia e lutava enquanto vereadora do Rio de Janeiro. Após o processo de análise das capas, iremos refletir de maneira geral os sete dias selecionados para a pesquisa, entendendo a identidade de Marielle para esses veículos de comunicação.

4 MARIELLE FRANCO NAS CAPAS EXTRA E O GLOBO

Neste capítulo, iremos selecionar as capas para a análise e descrevê-las de acordo com o conteúdo encontrado em cada jornal compreendendo os critérios de noticiabilidade descritos em capítulo anterior. As capas foram separadas por dia, recorte do dia 15 de março até dia 21 de março, em cada tópico e serão analisadas separadamente para que nas considerações finais façamos apanhado geral dos dias analisados, compreendendo a imagem pública de Marielle Franco descrita pelos Jornais.

4.1 Dia 15 de março de 2018 (quinta-feira)

Figura 13 - CAPA JORNAL EXTRA (15/03)



Fonte:³⁷ Ver Capas (2018)

No jornal Extra a manchete localizada na parte superior do veículo de comunicação descreveu a morte de Marielle como: **“VEREADORA EXECUTADA NO ESTÁCIO”**, e ao lado a foto da vereadora. Abaixo podemos notar que existe pequeno texto de apoio ao título: **“Quatro dias após criticar a atuação da polícia carioca, Marielle de Franco, do PSOL, é morta no caminho de volta para casa.”**

³⁷ Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/extra/2018-03-15.html> Acesso em: 02 de novembro de 2018.

Nesta primeira capa, podemos ressaltar que o jornal Extra identifica Marielle na manchete como vereadora executada, logo abaixo faz referência a uma das lutas que a vereadora insistia e chamava atenção na câmara do Rio de Janeiro, criticar a atuação da polícia carioca nos confrontos nas favelas. Marielle em seus discursos sempre deixou claro que era contra a violência e que a população da favela precisa de assistência e políticas públicas, onde esses confrontos só prejudicam os moradores e crianças, sendo um risco para todos.

Figura 14 - CAPA JORNAL O GLOBO (15/03)



Fonte:³⁸ Ver Capas (2018)

No jornal O Globo, da quinta-feira dia 15 de março, a morte de Marielle ocupou a parte superior da capa O Globo com o seguinte título, “**Líder da Maré, vereadora do PSOL é assassinada a tiros**”, com duas imagens localizadas nos cantos do jornal, primeira imagem a cena do crime com a seguinte legenda “**Peritos da Polícia Civil examinam o carro em que estava a vereadora. Motorista também morreu, e assessora foi ferida por estilhaços**”.

As imagens do crime, como notamos, tem mais visibilidade que a imagem da Marielle que está localizada no canto direito com a legenda “**Fenômeno: Eleita com 46**

³⁸ Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/o-globo/2018-03-15.html> Acesso em: 02 de novembro de 2018.

mil votos”, a imagem selecionada pelo jornal é a mesma que o Extra divulgou na capa do mesmo dia. No jornal O Globo, podemos notar também que há texto de apoio ao lado da foto da vereadora,

[...] Carro de Marielle Franco, quinta candidata mais votada em 2016, foi perseguido e alvejado nove vezes: A vereadora Marielle Franco, do PSOL, de 38 anos, foi morta a tiros por volta de 21h30min, no Estácio. Líder da Maré e quinta mais votada do Rio em 2016, ela ia para casa, na Tijuca, após debate com mulheres na Lapa. O carro em que estava foi perseguido e fechado por outro veículo, com dois homens que fizeram ao menos nove disparos. Marielle e o motorista Anderson Gomes morreram no local. A assessora que ia no banco de trás ficou levemente ferida. “Quanto mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?”, tuitou Marielle na véspera do crime. (Ed. 15 de março, capa)

Podemos notar que enquanto o Extra trata a morte de Marielle e a descreve como vereadora executada enfatizando a denúncia da vereadora, quatro dias antes de ser morta, o jornal O Globo coloca Marielle como Líder da Maré e caracteriza como fenômeno a candidatura de Marielle com mais de 46 mil votos, sendo a quinta mais votada do Rio de Janeiro.

4.2 Dia 16 de março de 2018 (sexta-feira)

Figura 15 - CAPA JORNAL EXTRA (16/03)



Fonte:³⁹ Ver Capas (2018)

³⁹ Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/extra/2018-03-16.html> Acesso em: 02 de novembro de 2018.

Na capa do jornal Extra, da sexta-feira, podemos notar que o acontecimento toma proporção maior, comparada a edição de quinta-feira. Com a capa preta, o olhar de Marielle aparece na parte inferior da capa e a frase **“QUANTOS MAIS VÃO PRECISAR MORRER PARA QUE ESSA GUERRA ACABE? Marielle Franco, dias antes de ser executada”**, aparece em letras brancas acima da imagem.

Podemos notar também que há um texto de apoio escrito abaixo,

[...] A morte da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes é um capítulo revoltante da história carioca. Ontem uma multidão foi para as ruas do Rio se despedir e prestar homenagem aos dois. Hoje, amanhã e sempre, nós cobraremos justiça e punição exemplar aos responsáveis pela barbárie.” (Ed. 16 de março, capa)

O jornal também fala brevemente sobre as manifestações que aconteceram após a morte da vereadora, notamos que a edição do dia ganha espaço totalmente para o acontecimento, utilizando de frases de impacto e de maneira que a capa do jornal chame a atenção para o assassinato de Marielle.

Figura 16 - CAPA JORNAL O GLOBO (16/03)



Fonte:⁴⁰ Ver Capas (2018)

⁴⁰ Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/o-globo/2018-03-16.html> Acesso em: 02 de novembro de 2018.

Capa O Globo da Sexta-Feira, notamos que Marielle também é capa do jornal. Com a mesma frase do Jornal Extra **“Quando mais vão precisar morrer?”** e com a escrita MARIELLE PRESENTE, localizada na parte superior na capa. Abaixo, a foto do enterro da vereadora, com o título **“Multidão homenageia vereadora, e comoção toma conta do país”**. Na foto, aparecem amigos e familiares de Marielle carregando o caixão em direção à Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro.

Nas ruas e nas redes sociais, a revolta contra o assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes mobilizou o Brasil. A hashtag #MariellePresente dominou o twitter, com 600 mil menções. Cerca de 50 mil pessoas no Rio e 30 mil em São Paulo participaram de protestos contra as mortes. A procuradora-geral da República, Raquel Dodge, veio à cidade e defendeu que a apuração do crime não fique apenas na esfera estadual. (Ed. 16 de março, capa)

Os dois jornais na edição de sexta-feira, deram visibilidade para o assassinato da vereadora, utilizando toda a capa para comentar sobre o ocorrido. O que podemos notar de diferente entre eles, são as imagens principais, enquanto Extra coloca o olhar de Marielle na capa com fundo preto, O Globo coloca a imagem dos amigos e familiares carregando o caixão em direção a câmara de vereadores do Rio. A abordagem é diferente, apesar dos dois colocarem o assassinato em evidência.

4.3 Dia 17 de março de 2018 (Sábado)

Figura 17 - CAPA JORNAL EXTRA (17/03)



Fonte:⁴¹ Ver Capas (2018)

⁴¹ Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/extra/2018-03-17.html> Acesso em: 09 de novembro de 2018.

Na edição do sábado, podemos notar que o Jornal Extra possui edição especial, ou seja, não saiu nada sobre o caso Marielle Franco na capa do jornal.

Figura 18 - CAPA JORNAL O GLOBO (17/03)



Fonte:⁴² Ver Capas (2018)

Na capa O Globo da edição do sábado, observamos que o caso ainda tem destaque e a foto de Marielle, mais uma vez, é capa do Jornal. Em letras pequenas na parte superior do Jornal “**Marielle Presente**”, abaixo como título: “**Polícia rastreia munição em busca de assassinos**”, enfatizando que a polícia estava investigando a morte da vereadora. “**Balas que mataram vereadora eram de lote desviado da PF**”, e com uma breve introdução de como ocorreu a ação, “**Ação de milícia da Zona Oeste é uma das principais linhas de investigação; projéteis desse lote também foram usados na Chacina de Osasco e em crimes em São Gonçalo**”.

Com a imagem de Marielle localizada do lado esquerdo da capa referindo às homenagens prestadas à vereadora na Câmara de vereadores do Rio, onde flores e cartas

⁴² Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/o-globo/2018-03-17.html> Acesso em: 09 de novembro de 2018.

foram deixadas na escadaria da mesma. Ao lado notamos que há texto de apoio falando sobre a investigação da polícia com o lote de balas que mataram Marielle,

[...] A polícia já sabe que as balas usadas na execução da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes são de um lote da Polícia Federal, que teve parte desviada e usada na maior chacina de São Paulo, em Osasco, e crime em São Gonçalo. O rastreamento da munição aponta para o envolvimento de uma milícia da Zona Oeste nos assassinatos. Assessora do deputado estadual Marcelo Freixo (PSOL) em 2008, Marielle atuou na CPI das Milícias, que levou ao indiciamento de mais de 200 pessoas. E depoimento à polícia, a sobrevivente do crime contou que, há dez dias, funcionária do gabinete da vereadora foi abordada por um homem em tom ameaçador. (Ed. 16 de março, capa)

4.4 Dia 18 de março de 2018 (domingo)

Figura 19 - CAPA JORNAL EXTRA (18/03)



Fonte:⁴³ Ver Capas (2018)

Na edição do Extra de Domingo, notamos que o caso da Marielle já não está tão em evidência, localizada na parte inferior do jornal há como título “Morte de Marielle faz ativistas saírem de Acari”, texto de apoio “**Integrantes de grupo que tinha apoio da vereadora estão com medo de ação da polícia.**”

⁴³ Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/extra/2018-03-18.html> Acesso em: 09 de novembro de 2018.

Após a morte da vereadora, o medo e a apreensão rondam ativistas que lutavam junto com Marielle nos movimentos. Não foi um simples assassinato, mas mataram tudo o que ela representava, não foi mais uma vítima da violência do Rio, tentaram calar a quinta vereadora mais votada. Mulher, negra, feminista, a favor dos direitos humanos e contra a violência. O crime foi encarado como “recado” para aqueles que defendiam as mesmas bandeiras que a vereadora. O jornal traz brevemente na capa, localizada na parte inferior do jornal, usando somente frases e nenhuma imagem.

Figura 20 - CAPA JORNAL O GLOBO (18/03)



Fonte: Ver Capas (2018)

Já no O Globo na edição de domingo, o assassinato de Marielle ganha outra dimensão. Com o título localizado bem no centro da capa “De onde vêm as Marielles” o jornal traz imagem da colega de Marielle no pré-vestibular e fala da importância da educação na Maré. Lugar onde Marielle viveu. “Curso pré-vestibular da Maré, onde estudou a vereadora, vem transformando a comunidade e a vida de seus moradores.”

Abaixo da foto, uma introdução sobre o tema,

[...] Criado há 20 anos, o curso pré-vestibular da Maré já levou às universidades 1.600 estudantes. Marielle Franco, morta na quarta passada é a mais conhecida deles. Nos agradecimentos de sua dissertação de mestrado, ela cita o “bonde de intelectuais da favela”. O curso transformou a vida da mestre em psicologia

Elisangela Ribeiro, filha de um motorista e uma doméstica que foi a primeira pessoa da família a ingressar no ensino superior. (Ed. 18 de março, capa)

O Globo traz histórias, no caso a colega de pré-vestibular, Elisangela, parecidas com a da Marielle, diferente do que o Extra trouxe na mesma edição. Um falando sobre como as pessoas que erguem a mesma bandeira que Marielle estão se sentindo com medo e oprimidas após a execução da vereadora e o outro jornal falando sobre história parecida com a da Marielle e de onde vem essa inspiração.

4.5 Dia 19 de março de 2018 (segunda-feira)

Figura 21 - CAPA JORNAL EXTRA (19/03)



Fonte:⁴⁴ Ver Capas (2018)

Na edição de segunda-feira, quatro dias após o assassinato de Marielle. O acontecido ainda está em evidência no jornal Extra, mas agora com outra abordagem. Sem tanta relevância, a matéria, localizada no canto esquerdo, fala sobre o Show da cantora Katy Perry e a homenagem a Marielle, “Katy Perry homenageia Marielle”.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/extra/2018-03-19.html> Acesso em: 09 de novembro de 2018.

[...]A cantora norte americana, em show ontem na Sapucaí, pediu um minuto de silêncio pela vereadora, exigiu justiça e disse: “O meu coração está com vocês.” No palco, a filha e a irmã da parlamentar agradeceram o carinho do público. (Ed. 19 de março, capa)

O texto está junto com a imagem de Marielle no telão do show da cantora, aqui podemos ver que o Extra traz a repercussão não só das pessoas do Brasil, mas sim artistas internacionais comovidos com o assassinato de Marielle.

Figura 22 - CAPA JORNAL O GLOBO (19/03)



Fonte:⁴⁵ Ver Capas (2018)

Capa da segunda-feira, O Globo, a imagem de Marielle toma grande parte da capa do jornal. Agora falando sobre as homenagens e as manifestações de pedidos de justiça do assassinato da vereadora. A foto que está localizada na parte esquerda do jornal, ocupando grande parte da capa, recebe de legenda “Caminhos cruzados: Duas mil pessoas fizeram ontem uma passeata na Maré em protesto contra os assassinatos da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes”.

Abaixo da imagem do protesto na Maré, o seguinte título,

⁴⁵ Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/o-globo/2018-03-19.html> Acesso em: 10 de novembro de 2018.

[...] Polícia segue novas pistas de assassinos de Marielle: A Polícia Civil reuniu ontem mais duas peças no quebra-cabeça que tenta montar para elucidar os assassinatos da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes: a identificação do segundo carro usado no crime e a coleta de imagens do circuito de segurança da Câmara Municipal. Agentes foram a Minas para analisar um veículo suspeito abandonado em Ubá. (Ed. 19 de março, capa)

Ao lado, foto da Mônica, companheira de Marielle, sendo amparada por amigos durante a manifestação, “**Viúva: “O que vou fazer da minha vida agora?”**” Mônica, planejava se casar com Marielle em 2019. Pela primeira vez após a execução da vereadora, notamos a menção do nome de Mônica, companheira de Marielle, ainda que tímido e pequeno.

4.6 Dia 20 de março de 2018 (terça-feira)

Figura 23 - CAPA JORNAL EXTRA (20/03)



Fonte:⁴⁶ Ver Capas (2018)

Cinco dias após o assassinato de Marielle, identifica-se que o assunto ganha pouca visibilidade na capa do jornal Extra. Uma matéria pequena ao lado direito da capa com o título, “**Caso Marielle: investigação procura pistas em celulares: Em busca de informações que possam levar aos assassinos da vereadora e de seu motorista, a**

⁴⁶ Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/extra/2018-03-20.html> Acesso em: 10 de novembro de 2018.

polícia está levantando as ligações que foram feitas na área do crime.” O jornal dá ênfase na investigação do assassinato, mesmo que de maneira pequena e sem imagens.

Figura 24 - CAPA JORNAL O GLOBO (20/03)



Fonte:⁴⁷ Ver Capas (2018)

Na edição de terça-feira, assim como no jornal Extra, O Globo coloca o caso Marielle na capa, porém com pouca visibilidade. Localizado no canto direito da capa com o título, “Caso Marielle gera mutirão nas redes”.

[...] Uma força-tarefa monitora as redes sociais para detectar informações falsas sobre a vereadora a fim de acionar seus autores. Segundo um analista de opinião pública digital, nunca houve uma reação tão forte em defesa de alguém. (Ed. 20 de março, capa)

Aqui, podemos compreender que o jornal cita as notícias falsas e acusações na qual falamos no capítulo anterior (A tentativa de desconstruir a imagem pública de Marielle Franco). Nas redes sociais, manifestações de grupos para barrar as notícias falsas sobre a vereadora, envolvendo a vida pessoal e a carreira como figura política, diferente do que o

⁴⁷Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/o-globo/2018-03-20.html> Acesso em: 10 de novembro de 2018.

Extra divulga na mesma edição, trazendo sobre a investigação e o Globo sobre a repercussão do crime. Ambos diminuem a visibilidade do acontecimento na capa.

4.7 Dia 21 de março de 2018 (quarta-feira)

Figura 25 - CAPA JORNAL EXTRA (21/03)



Fonte:⁴⁸Ver Capas (2018)

Na edição, quarta-feira do Extra, localizada na parte superior do jornal com o título “**Manifestantes presentes e com ‘sangue nos olhos’**”, acompanhado de imagem com manifestantes no Rio pedindo justiça pelo assassinato de Marielle. “**Multidão tomou o Centro do Rio para pedir justiça pela morte de Marielle Franco**”.

O jornal Extra, traz sobre as manifestações e os pedidos de justiça para a execução da vereadora, mesmo sem texto de apoio a imagem aparece em tamanho grande na capa.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/extra/2018-03-21.html> Acesso em: 10 de novembro de 2018.

Figura 26 - CAPA JORNAL O GLOBO (21/03)



Fonte:⁴⁹ Ver Capas (2018)

Na última capa que iremos descrever, na edição de quarta-feira, O Globo traz imagem do ato que aconteceu na Cinelândia em homenagem a Marielle e Anderson. Na parte superior à direita da capa a foto com a legenda, **“Protesto: Ato ecumênico na Cinelândia homenageou a vereadora Marielle Franco e o motorista Anderson Gomes. Houve manifestação também na Candelária”**.

Abaixo o título, **“Polícia busca imagens na Câmara municipal: Agentes recolhem registros das câmeras instaladas no Palácio Pedro Ernesto”**.

[...] Atrás de pistas que levem aos assassinos da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, equipes de investigadores estiveram na Câmara municipal, onde recolheram imagens da movimentação no local gravadas pelas câmeras internas e no lado de fora do prédio. Duas hipóteses ganham força de motivação do crime: vingança de milicianos ou de alguém atingido por uma denúncia da vereadora. No centro da cidade, milhares de pessoas caminharam da

⁴⁹ Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/capa/o-globo/2018-03-21.html> Acesso em: 10 de novembro de 2018.

4.8 Considerações sobre as capas dos jornais

Ao descrever as capas dos jornais, percebemos que a abordagem sobre a morte de Marielle Franco ganha diferentes títulos e visibilidade nas capas nos dias selecionados. A importância desses meios de comunicação surge, por que:

[..] Estes são lugares de confirmação e suspeição, pois servem de balizas à formação da opinião pública e à (des)construção da imagem pública. Estes espaços provocam mudanças e adaptações no processo de construção entre a imagem desejada (pela política) e a imagem percebida (pelos espectadores). (WEBER, 2004, p.260)

Compreendemos a importância de esses veículos midiáticos utilizarem os espaços de comunicação para visibilizar os movimentos sociais no qual Marielle sempre fez parte e lutou, entendendo que a imagem da vereadora não se limita somente na figura política, mas sim no que ela representa para a sociedade. Os critérios de noticiabilidade que citamos, no capítulo anterior, interessam à todos os profissionais de comunicação e nos ajudam a identificar de que maneira esses jornais priorizam a notícia, repensar esses critérios possibilita uma nova abordagem de conceitos e linguagens contribuindo para novos enfoques, esses estudos relacionados aos valores-notícias facilitam entender as mudanças reais e concretas para as novas maneiras do jornalismo de escolher, conceituar, construir e editar esses fatos para serem divulgados.

No processo de escolha dos jornais nós podemos observar a maneira que cada veículo aborda as informações sobre o caso da Marielle, estes valores fazem parte da construção da notícia, no jornal Extra e O Globo a morte da vereadora recebe total atenção, por exemplo, no dia 16 de março (sexta-feira) na qual a capa dos dois veículos de comunicação são destinadas para as investigações do caso, reconhecemos que muitas vezes esses critérios possuem influências de valores externos, como a ideologia pessoal dos profissionais. De acordo com Silva (2005), os critérios de noticiabilidade podem envolver:

[..] É no percurso dessa longa cadeia produtiva da notícia, que devemos investigar a rede de critérios de noticiabilidade, compreendendo noticiabilidade [...] como todo e qualquer fato potencialmente capaz de agir o processo de produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedora ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais. (SILVA, 2005, p. 96)

Os jornalistas decidem o grau de relevância da notícia para a sociedade por meio destes critérios e valores, que ajudam na seleção das informações. A morte da Marielle Franco, conquista visibilidade nas capas dos jornais exceto nas edições especiais, no caso do jornal Extra na edição de Sábado (17 de março). Para Wolf (1987) os valores notícias “constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (WOLF, 1987, p. 173). Para os veículos de comunicação, a morte da vereadora é assunto relevante quando o fator é a busca dos culpados pelo acontecimento e não a imagem de Marielle entendendo o que representava e o que defendia. Os critérios de noticiabilidade nas capas aparecem como por exemplo em questões de novidade, pois as capas de quinta-feira utilizaram todo o espaço para a morte da vereadora; relevância no caso quando citado o andamento das investigações no assassinato e a periodicidade do assunto nas capas, durando na maioria das edições selecionadas.

As capas mostram que a imagem de Marielle é identificada nos termos **vereadora** e **líder da Maré**, como são abordadas nas capas do dia 15 de março dos jornais, Weber (2004) pode nos explicar sobre a importância da veiculação da imagem pública nesses espaços,

[..] Visíveis e invisíveis, os processos sociais, organizacionais e políticos, são decodificados pelos espectadores atraídos por informações que interferem na sua vida. Não é aparente a importância da discussão sobre a imagem pública, pois ela é inerente ao exercício da política e diz respeito à coisa pública. A importância da sua veiculação e apreensão depende do lugar ocupado pelo político e, portanto, do grau de responsabilidade social [...] (WEBER, 2004, p. 262)

As abordagens enfatizam o fator justiça nas capas, mostrando manifestações e homenagens para a vereadora após sua morte, assim como nas capas do dia 16 de março dos dois jornais; **Extra** com o título “Quantos mais vão precisar morrer para acabar com essa guerra?” e no **O Globo** “Marielle Presente”. No dia 17 de março, sábado, o Extra possui edição especial, assim o caso Marielle não teve divulgação na capa, já no Globo, a matéria é sobre o andamento das investigações, com o título “Polícia rastreia munição em busca de assassinos”.

Na edição do dia 18 de março, encontramos outra abordagem feita pelos jornais nas capas, ambos colocaram o caso fora de evidência mesmo que ainda na capa. A matéria foca nas consequências da morte da vereadora, no jornal Extra trata-se de ativistas de

Acari acudadas após o assassinato de Marielle entendo a gravidade da mesma enquanto mulher, negra e da favela onde muitas pessoas que estavam ao lado da vereadora nos movimentos, se sentiram com medo de continuar na militância dos direitos humanos: “Não foi uma simples morte, foi uma execução, um recado límpido para todas as pessoas que se levantam para lutar contra os desmandos do Estado e seu braço armado”, conta ativista do coletivo da Favela do Acari ‘Fala Akari’, Buba Aguiar. Marielle fez denúncia nas redes sociais contra polícias quatro dias antes de ser executada, alegando que o 41º Batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro estaria aterrorizando e violentando moradores de Acari, completa ainda que essas ameaças a moradores acontecem desde sempre, mas com a intervenção de militar tendem a piorar. “A Marielle era uma mulher negra e favelada como todas as mulheres do coletivo ‘Fala Akari’ e como a grande maioria das mulheres das favelas do RJ. Era da Maré. Era uma voz a mais na luta pelo nosso povo. Uma luta que estão tentando silenciar, mas que não irão conseguir”, conclui a ativista. O crime tem potencial para silenciar outras denúncias que poderiam vir a tona nas redes sociais, ferramenta muito utilizada por Marielle que sempre se mostrou ativa na Internet. O coletivo Fala Akari, reúne diversos defensores de direitos na favela Acari, defensores que conheciam Marielle e que hoje estão com medo pela morte da vereadora entendendo a gravidade do acontecimento.

Já na capa do dia 19 de março, a abordagem ganha outro viés. No Extra o jornal coloca a homenagem de Katy Perry, onde a cantora no show realizado na Sapucaí, pede um minuto de silêncio pela morte de Marielle; o jornal desta maneira mostra a repercussão da morte da vereadora em outros locais. O Globo de certa forma, na mesma edição, divulga informações sobre as novas pistas dos assassinos e coloca foto de passeata realizada na Maré em memória das mortes. As capas no dia 20 de março, em ambos os jornais tratam sobre o assunto de maneira reservada, na parte lateral das capas.

No dia 21 de março, o jornal Extra traz sobre a manifestação no centro do Rio para pedir justiça pela morte de Marielle Franco, O Globo também fala sobre a manifestação como manchete principal e continua dando sequência no andamento das investigações, agora com o título “Polícia busca imagens na Câmara municipal”.

Notamos que a mídia principalmente colocou a ênfase na figura de Marielle como a vereadora do Rio de Janeiro assassinada e a Líder da Maré executada no Estácio após debate na Lapa, a imagem de Marielle não é associada a gênero, mas sim o *status* dela como figura política fortalecendo a imagem pública, “não se constrói uma identidade: é possível, sim, fortalecer ou obscurecer determinados aspectos” (WEBER, 2014, p.277).

Para que cada jornal atinja o público de interesse, é necessário abordagens diferentes dos veículos de comunicação, assim “os públicos desejados serão hierarquizados para que a comunicação seja adequada a suas características e singularidades culturais” (WEBER, 2014, p. 277).

Ao falarmos dos critérios para a visibilidade da notícia, Weber (2014), ressalta que no Brasil, as relações entre mídia e política criam redes de interesse político-familiar, ou seja a abordagem escolhida por esses jornais, diz na verdade de que maneira que eles interagem com seu público. A recepção da notícia é o lado da formação da imagem, é o que o público de interesse absorve, quando convencido o espectador difundirá a informação e a defenderá.

Apesar dos números aumentarem em 2018, a participação das mulheres continua sendo discussão quando relacionadas à política. No Senado, o número de mulheres se manteve o mesmo das eleições de 2010, diferente na Câmara que esse número teve aumento de 51 para 77 mulheres eleitas, assim como em assembleias que passou de 119 para 161⁵⁰. Mesmo com a melhoria nesses números, a mulher segue abaixo quando comparadas com os homens em cargos políticos. A cota mínima de 30% de mulheres na lista de candidatos para a Câmara de Deputados, Câmara Legislativa, Assembleias e as Câmaras municipais, exige de que partidos e as coligações cumpram com a porcentagem. O fato de Marielle Franco ser mulher e fazer parte dessa minoria na câmara de vereadores, não recebe atenção especial nas capas, entendendo esse cenário de representatividade, e a importância das cotas para que o sexo feminino tenha presença,

Em relação às cotas, Miguel (2014), diz:

As cotas sinalizam que, ainda que o processo de escolha de representantes possa ser formalmente correto, seu resultado é injusto se grupos sociais importantes não encontram presença adequada. Trata-se de uma revalorização da chamada ‘representatividade descrita’, a concepção de que o parlamento deve espelhar a sociedade de onde nasce, considerada pela ciência política ao longo do século XX, como ingênuo e insatisfatória. (MIGUEL, 2014, p.98)

É importante a visibilidade para as mulheres e o aumento desses números, para que haja diversidade maior de ideias que atendam as questões feministas. A falta de representatividade nesses espaços reforça a ideia de que a democracia brasileira é pouco representativa, onde os estereótipos criados predominantes ainda são de homens brancos e

⁵⁰Disponível

em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/08/no-de-mulheres-eleitas-se-mantem-no-senado-mas-aumenta-na-camara-e-nas-assembleias.ghtml> Acesso em: 15 de novembro de 2018.

estes estão em esferas de poder desde a raiz histórica do país, sempre possuindo predominância. A entrada de Marielle Franco na política, também levanta o questionamento sobre gênero, seu envolvimento nasce através do objetivo de dar voz para essa minoria entendendo que para uma mulher, negra e criada na favela sua inserção nesse espaço torna-se ainda mais difícil. Aspecto de gênero que não encontramos nas capas analisadas, para a mídia massiva divulgar as notícias, o aprofundamento de grandes reportagens e coberturas, depende das vinculações políticas da empresa (WEBER, 2014, p. 285), seus interesses mercadológicos e particulares adquirem consistência na hora da informação ser divulgada, é através deste aspecto, que a mídia funciona e delimita de que maneira será feita a abordagem, a edição pode ser cínica dependendo do interesse do sujeito.

Os jornais noticiam e abordam a morte de Marielle Franco e limitam sua imagem a vereadora assassinada não identificando Marielle as suas lutas e a diversidade que seu mandato representava, compreendendo a importância de visibilizar estes movimentos e que o fato de uma mulher negra, apesar das dificuldades encontradas no percurso para ser eleita, conseguiu chegar ao parlamento e dar voz as minorias, defendendo direitos humanos e as políticas públicas. A imagem pública para essas capas são definidas através de sua figura política, não se interessando pela história de vida de Marielle, através disso conseguimos entender que os critérios propostos pelos jornais é de manter a vereadora na esfera política e não debater o seu simbolismo de luta, reduzindo ainda mais a questão sobre representatividade em lugares de falas que seriam para praticar a democracia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da descrição das capas, torna-se evidente que a política implica num processo de contraste de ideias e opiniões, essas opiniões quando interpretadas pelo público de interesse, geram a imagem pública do indivíduo. Na análise realizada nas capas Extra e O Globo, identificamos que a imagem de Marielle Franco após sua morte, é identificada como vereadora do Rio de Janeiro, não evidenciando o que representava e defendia enquanto mulher negra na câmara de deputados. O sexo feminino ocupou esses lugares, tanto político como social, muito tardiamente, as mulheres conseguiram o direito ao voto depois de muita luta e reivindicações, entendemos que até hoje quando falamos sobre a presença das mesmas em parlamentos e senados o número continua baixo, consequência de uma cultura dominada pelo estereótipo de homens, héteros e brancos em cargos de poder sem nenhuma representatividade de outros movimentos.

As mídias que têm o papel de informar assumem caráter não apenas no espaço político, mas em outros campos como o cultural e científico, fazendo estes veículos de comunicação tornar-se ferramentas importantes para a formação da imagem pública, é através da divulgação dessas informações transformando em notícia, que os espectadores irão absorvendo e criando a imagem do sujeito, fazendo das mídias produtoras de informações. Entendo sua importância que a mídia têm o dever, também, de democratizar os espaços na qual pode divulgar essas notícias.

As capas, Extra e O Globo, tratam à notícia com o viés de abordar as linhas de investigações do caso, exceto na edição do dia 15 de março, por exemplo, que O Globo trata Marielle Franco como fenômeno eleita com 46 mil votos, mas que nas outras capas ambos já voltam a tratar o caso através da investigação. Trouxemos ao longo da monografia, a história da vereadora que nas capas não surge como relevante, mas que no entendimento do espaço político teria que adquirir visibilidade nos jornais sabendo da importância da posição dos veículos midiáticos. A questão dos movimentos e lutas da vereadora, só são divulgados através das manifestações e homenagens que os jornais abordam nas edições dos dias 16 de março, 18 de março, 20 de março, pelo O Globo, e 21 de março, mas que são breves e não citam a vida pessoal da vereadora.

Analisando as capas e descrevendo as manchetes principais, texto de apoio e a localização da matéria, através da delimitação do público de cada jornal, contextualizando a mulher na política e compreendendo que a mídia deveria utilizar esses espaços de informação para além de noticiar, refletir sobre o contexto político e os espaços que são

ocupados na maioria por homens, a questão imagem pública de Marielle, está somente relacionada ao seu assassinato e ao desdobramento do caso. Os jornais não traduzem a imagem de Marielle Franco através do que representa para a democracia, não problematizam o significado de sua morte no contexto político que estamos vivendo.

Este estudo demonstra que é pertinente levar em consideração as questões da vida pessoal da vereadora, sendo elas sua representatividade, movimentos que apoia, bandeiras que erguia, entendendo que estar em um espaço político enquanto mulher é uma luta de desconstrução de estereótipos e que essas mídias possuem caráter de visibilizar esse processo.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Tania. **Opiniões e sentenças em capas de Veja sobre o primeiro Governo Lula (Brasil, 2002 a 2006)**. f.176. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Comunicação e Informação. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, 2008.

BIROLI, Flávia. **Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras: ausências e estereótipos**. 2009. Brasília. Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n34/a11n34.pdf> > Acesso dia: 01 de outubro de 2018.

BORBA, Mário Pereira. BALDISSERA, Dr. Rudimar. **Das Mídias à Mídiação: Reflexões Sobre Opinião Pública**. f.14. 2009. São Paulo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.abrapcorp.org.br/anais2009/pdf/IC_Borba.pdf> Acesso em: 01 de outubro de 2018.

CARTA CAPITAL; **A Luta de Marielle: um mandato dedicado aos direitos humanos**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-luta-de-marielle-um-ano-de-mandato-em-defesa-dos-excluidos> - Acesso dia: 12 de maio de 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos. **Representações na Política**. In. RUBIM, Antonio A.C. Comunicação e Política – Conceitos e abordagens . EDUFBA e Unesp: Salvador, 2004. p,515-543.

DAVIS, Gleide. **Representatividade importa?**. Esquerda Online. Salvador. 2016. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2016/09/12/representatividade-importa/> Acesso em: 26 de outubro de 2018.

EL PAÍS - BRASIL. **Marcelo Siciliano, de filantropo a vereador acusado de mandar matar Marielle Franco**. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/09/politica/1525887353_562439.html > Acesso em: 19 de outubro de 2018.

GOMES, Wilson. **Política de Imagem**. Revista Sem Fronteiras, Unisinos. São Leopoldo, v.1, n. 1, p. 43 - 52, 1999.

MARIELLE FRANCO; **Quem é Marielle Franco?** Disponível em: <https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora> - Acesso dia: 01 de maio de 2018.

MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **Mídia e representação política feminina: hipóteses de pesquisa.** São Paulo. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762009000100003&script=sci_arttext - Acesso dia: 02 de junho de 2018.

Mulheres na Política: Retrato da sub-representação feminina no poder. Brasília: Senado Federal, Procuradoria da Mulher 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/proc-publicacoes/mais-mulheres-na-politica-retrato-da-subrepresentacao-feminina-no-poder> - Acesso dia: 02 de junho de 2018.

NETO, Antônio Fausto. **Discurso Político e Mídia.** In. RUBIM, Antonio A.C. Comunicação e Política – Conceitos e abordagens . EDUFBA e Unesp: Salvador, 2004. p, 105 – 127.

NUNES, Rodrigo. **A morte de Marielle é um sinal ao que devemos estar atentos.** Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/19/opinion/1521476455_299821.html - Acesso dia: 01 de maio de 2018.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e Política – Conceitos e abordagens.** EDUFBA e Unesp: Salvador, 2004.

PASTI, André; AMORIM, Eduardo; MOURÃO, Mônica. **Assassinato de Marielle Franco na mídia: a desconxtetualização de uma luta** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/assassinato-de-marielle-franco-a-antitese-de-um-espetaculo-midiatico> - Acesso dia: 01 de maio de 2018.

PERFEITO, Lisiane Corcine Fialho; WEBER, Maria Helena. **Mulher, política e comunicação: estudo sobre a imagem pública de Manuela d'Ávila.** 78f. Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre. 2016.

PINHEIRO, Luana Simões. **Vozes Femininas na Política.** Brasília. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Governo Federal. Brasília. 2007.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Feminismo, história e poder.** Revista de Sociologia e Política (UFPR. Impresso), v.18, p.15-23, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf> - . Acesso em: 02 de junho de 2018.

PORTO, Mauro P. **Enquadramentos de Mídia e Política.** In. RUBIM, Antonio A.C. Comunicação e Política – Conceitos e abordagens. EDUFBA e Unesp: Salvador, 2004. p, 73 – 105

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** In. Educação e realidade, Porto Alegre. v.15, n.2, jul./dez. 1990.

SILVA, Marcia Veiga. **Masculino, o gênero do jornalismo: Um estudo sobre os modos de produção das notícias.** f. 250. Dissertação no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre. 2010.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade. Estudos em Jornalismo e Mídia.** Vol. II Nº1 – 1º Semestre 2005. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830> Acesso em: 02 de novembro de 2018.

SILVEIRINHA, Maria João. **Opinião Pública.** In. RUBIM, Antonio A.C. **Comunicação e Política – Conceitos e abordagens.** EDUFBA e Unesp: Salvador, 2004. p, 409-451.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2006. p. 51-61.

TEDESHI, Losandro Antonio; COLLING, Ana Maria. **Os Direitos Humanos e as questões de Gênero.** f.26 2014. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/32992> > Acesso em: 07 de outubro de 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo.** Volume1. Florianópolis: Insular, 2005.

VER CAPAS, disponível em: <https://www.vercapas.com.br/> Acesso em: 09 de novembro de 2018.

WEBER, Maria Helena. **Imagem pública.** In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (Org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens.** Salvador: Edufba, 2004. p. 259-308. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/134/4/Comunicacao-Politica_RI.pdf>. Acesso em: 02 de junho de 2018.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1992.